

Setembro Dezembro 2016

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest

PROGRAMAÇÃO SET-DEZ 2016

Setembro Dezembro 2016

Os centros culturais, teatros, museus, festivais, etc., que oferecem espetáculos, exposições, sessões de cinema, concertos..., têm que falar deles às pessoas. Para que elas saibam o que existe e possam decidir-se por aderir ou não.

É para isso que serve este Programa. Os textos que aqui estão repetem-se no nosso *site* e nos *e-cards* que enviamos a quem os quer receber a lembrar o que vai acontecer daí a dias.

Já se vê que os textos são relevantes para a comunicação que os teatros (uso este termo para designar todas as entidades que comecei por enumerar) estabelecem com o público.

Publicamos este tipo de escritos há tantos anos que a sua feitura entra numa rotina e não pensamos sobre eles. Preocupamo-nos apenas que obedeçam a certas características. As rotinas são terríveis. Fazem-nos perder a inquietação, a dúvida, necessárias ao aperfeiçoamento.

As observações que se seguem centram-se sobre o que nós, Culturgest, fazemos. Os exemplos que dou retirei-os do programa de abril a agosto deste ano. Dito isto, acrescento que conheço muitos programas, portugueses e estrangeiros, do tipo do nosso e não me parece que sejamos uma exceção.

O que pretendo, como passou a ser o meu objetivo desde que passei a assinar estes “editoriais”, é suscitar a reflexão, provocar pensamento, estimular a crítica das pessoas que leem e das pessoas que escrevem. Sem certezas absolutas. Esperando que o que vou dizer interesse a qualquer pessoa que goste de folhear este programa.

Não é fácil escrever sobre espetáculos (uso esta palavra para significar espetáculos, exposições, filmes, etc., todas as manifestações artísticas, individuais ou coletivas, que fazem parte da programação). A palavra está ausente em muitos deles. Quando não está, é um elemento entre outros. A arte, que não seja a literatura, faz parte de um mundo que existe para além da palavra, que a palavra só de uma forma modesta alcança. Como temos que falar sobre ela, a arte, usamos, evidentemente, a linguagem verbal. O que nos obriga a encaixar nessa linguagem o que nela não cabe ou lhe é mesmo estranho. Esta é uma dificuldade a que não podemos escapar e que está presente em todos os textos. Mas há outras.

Os escritos têm uma dimensão máxima, para caber no espaço disponível, e mínima, para dizerem alguma coisa. Exigem conhecimentos específicos consoante as “disciplinas” (o teatro, a dança, as várias músicas, as artes visuais...). São feitos em prazos curtos. No nosso programa são redigidos por pessoas diversas a que não se segue um trabalho de uniformização porque não conseguimos fazê-lo.

Com frequência se anuncia um espetáculo que na altura em que é divulgado ainda está a ser criado. Como falar do que não se sabe ao certo o que vai ser? Nesses casos publicamos textos que, segundo as indicações dos artistas (algumas vezes são eles que os escrevem), pretendem dar uma ideia, um ambiente, uma sugestão do que se poderá ver. Não se consegue mais do que isso. O resultado, para mim, é que quase nunca percebo o que me espera. O que me faz pensar: se eu não percebo, é provável que muita gente não perceba. Porque é que publicamos uma coisa que as pessoas não percebem? Não haveria forma de tentar, com os artistas, uma melhor aproximação? Não sei, mas o mais provável é não termos feito tudo o que poderíamos fazer.

Deixemos as dificuldades e passemos a examinar os textos e os tiques que usamos.

Se os olharmos com um bocadinho de atenção, verificamos que há comportamentos que se repetem.

Um deles é a ênfase. Os artistas (ou as obras) são um dos melhores, um dos mais

interessantes, um dos maiores, um dos mais significativos, um dos mais estimulantes, um dos... qualquer coisa. É um tique generalizado, não exclusivo deste tipo de textos. O objetivo dessa expressão é dizer a quem lê que aquele artista, aquela obra, pertencem a um grupo que está acima, ou muito acima, da média, o que é razoável como informação. O problema é que a expressão generalizou-se. Nós (e todos os teatros) dizemos que tudo o que apresentamos pertence a essa minoria superlativa. Sendo assim, a expressão perdeu sentido e força.

Os espetáculos são quase sempre únicos, irrepetíveis, imperdíveis. Adjetivos como fascinante, belíssimo, exímio, extraordinário, surpreendente, entusiasmante, magnífico, e muitos outros, abundam.

A ênfase é insaciável. Os adjetivos vêm em modas e vão perdendo força. Começam a usar-se superlativamente: belo, não chega; passa a muito belo e rapidamente a belíssimo. A certa altura são usados novos adjetivos, mais na moda, que se julgam mais enfáticos. Agora, por exemplo, usa-se muito, também na linguagem corrente, fantástico, para dizer que é coisa boa. Melhor que boa. É verdade que, segundo o dicionário, um dos sentidos da palavra é “que suscita a admiração”, “extraordinário” (Dicionário da Língua Portuguesa da Porto Editora), mas não era um uso corrente. Não tarda é substituída por outra palavra.

Acabarmos com a ênfase, que era como eu gostaria, levanta uma dúvida. Ênfase já perdeu significado. Mas não o fazer pode ganhar um outro, o de menoridade do que se refere. Se não elogiamos, como sempre e todos fazem, o leitor pode ficar com a sensação de que não é grande coisa aquilo sobre que estamos a falar.

Socorremo-nos da opinião de outros, conheçamo-los ou não, que a maioria das pessoas que nos leem decerto não sabem quem são, transcrevendo frases encomiásticas. Como que a dizer: atenção, não somos só nós que dizemos que é bom, há mais quem o faça!

Implícita nesta atitude, mesmo que não tivéssemos pensado nisso, há a suspeita, ou a certeza, que a nossa opinião não é muito de fiar...

Presumimos que qualquer leitor sabe o significado de tudo o que escrevemos, mesmo quando usamos expressões como “signo linguístico”, “teatro ecosófico”, *bebop*, *cool* ou *modal*, “poética ambígua do visível”, “objeto poemático”, ou referimos nomes de autores, artistas, museus, etc., etc. Como se as pessoas, todas as pessoas que nos leem, fossem obrigadas a saber o que sabemos e, se não sabem, não merecessem desfrutar das pepitas que temos para lhes mostrar.

Sem querer, passamos a usar um jargão que não se dirige a toda a gente, mas a um grupo restrito de “pessoas do meio”. Escrevemos com frequência palavras como projeto, proposta, convocar, percurso, viagem, criativamente, processo criativo, encontro, universo artístico, emergente, etc., etc. São todas palavras compreensíveis, mas a recorrência e a combinação entre elas e muitas outras, constituem uma linguagem específica, identificadora da pertença a um grupo. Como acontece com todos os grupos, dos adolescentes aos cientistas (cada disciplina tem o seu vocabulário próprio), dos juristas aos economistas, etc.

O jargão sobrepõe-se à nossa vontade. Surge como o estilo natural de escrever sobre certa realidade. Não conseguimos falar dessa realidade sem usar essa linguagem. Não temos outras palavras ou não as conseguimos encontrar. Mas ao fazê-lo não estamos a dirigir-nos a toda a gente.

Poderia continuar. Mas acho que já basta. Para quem nos lê e vem à Culturgest, está aqui uma possível autocrítica. Que nos desculpem. É bem provável que não tenhamos emenda. Que ao menos tenhamos consciência disso...

A programação deste quadrimestre, para não variar, é boa. Sem superlativos. Ora leiam.
Miguel Lobo Antunes



Livraria de arte

© DMF, Lisboa

A Culturgest dispõe em Lisboa de uma livraria especializada em arte contemporânea, cujos títulos são criteriosamente selecionados com base numa pesquisa constante, alheia a preocupações de ordem comercial. Nela se encontram, naturalmente, as publicações editadas pela Culturgest, assim como muitas outras relacionadas com artistas que aqui expuseram o seu trabalho, mas nela estão também representados muitos artistas não abrangidos pelo programa de exposições. A livraria inclui ainda uma ampla secção de escritos e entrevistas de artistas, outra de escritos sobre arte, com especial ênfase na história de arte, além de uma panóplia de publicações muito diversas que, por vezes, se vão agrupando em pequenas constelações. Artistas e autores consagrados convivem com outros menos conhecidos; editoras de grande dimensão repartem as prateleiras com projetos editoriais de menor escala ou mesmo de muito pequena dimensão. Quase todas as publicações são disponibilizadas a preços reduzidos, por vezes muito reduzidos, para que as possamos partilhar com tantas pessoas quanto possível.

Culturgest runs a bookshop in Lisbon that specialises in contemporary art. Its titles are very carefully selected, being based on constant research and free of commercial constraints. Naturally, Culturgest's own publications are all to be found at the shop, as well as many others relating to artists who have already exhibited their work here. But other artists are also represented, whose work has not been covered by the exhibition programme. The bookshop also includes a broad selection of artists' own writings and interviews, another section on art theory and history, as well as a whole panoply of highly diverse publications that can sometimes be grouped together in small clusters. Established artists and authors rub shoulders with others that are less well known; major publishers share shelves with lesser-sized publishing projects or even very small publishers. Almost all of the publications are placed on sale at reduced, and sometimes extremely tempting, prices, so that we can share them with as many people as possible.

De terça a sexta-feira, das 11h às 18h. Sábados, domingos e feriados, das 11h às 19h. Encerra à segunda-feira e nos períodos em que não há exposições. Tel. 21 790 51 55

Conferências

- 16 **Discursos do cérebro** Revelações das neurociências
- 18 **Sete Círculos** Os Limites da Cidade
- 24 **A Vida Conversada** com D. Manuel Clemente e João Lobo Antunes
- 26 **Música e Ciência** com Eugénio Harrington Sena
- 64 **Retorno ao Admirável Mundo Novo**

Leituras

- 20 **Comunidade de Leitores** por Helena Vasconcelos

Música

- 22 **André Santos Trio**
- 30 **Andrea dos Guimarães** Desvelo
- 34 **Abdullah Ibrahim** Solo
- 42 **Vijay Iyer Trio** Break Stuff
- 44 **Trojnik**
- 56 **Hamar Trio**
- 58 **Hootenanny**
- 59 **Ana Popovic**
- 60 **Catfish Keith**
- 61 **Serushio**
- 62 **Carlos Bica & Azul** com Frank Möbus e Jim Black
- 66 **Sicília, o canto da memória**
- 72 **Uma nova sociedade** Mujer Klórica
- 74 **João Barradas Trio**

Lançamento de livro

- 28 **Rebuçados venezianos** Maria Filomena Molder

Teatro

- 32 **Adishatz / Adieu** de Jonathan Capdevielle
- 40 **The Extra People** de Ant Hampton
- 50 **Blind Cinema** de Britt Hatzius
- 54 **Comer a Língua** de Regina Guimarães
- 70 **Se eu vivesse tu morrias** de Miguel Castro Caldas

Mesa-Redonda / DJ

- 36 **Heroes just for one evening** O legado de David Bowie

Dança

- 38 **Vortex Temporum** de Anne Teresa De Keersmaeker / Rosas & Ictus
- 52 **Mixed Feelings** de Rafael Alvarez
- 68 **manger** de Boris Charmatz
- 72 **Uma nova sociedade** Mujer Klórica

Cinema

- 46 **Doclisboa 2016** 14.º Festival Internacional de Cinema
- 76 **CINANIMA**

Visita

- 48 **Descobrir o som... na Culturgest**

Exposições

- 80 **Belén Uriel** segunda-feira
- 82 **Dorota Jurczak** -. { } .~
- 84 **Isidoro Valcárcel Medina** Grafismos de fronteira
- 86 **Lourdes Castro** Álbum de Família
- 88 **Jef Cornelis** Obras para Televisão (1964-1997)
- 90 **Eduarda Rosa** As classificações sensíveis
- 92 **Dorota Jurczak** -. { } .~
- 94 **Palácio de Espanto** Em torno da Coleção da CGD
- 96 **Casa de Espanto** Em torno da Coleção da CGD

Serviço Educativo

118 Informações

Programação

Artista na Cidade 2016

Faustin Linyekula

Artista
na Cidade
Lisboa

Depois de Anne Teresa de Keersmaeker (2012) e Tim Etchells (2014), Lisboa acolhe, durante o ano de 2016, o artista congolês Faustin Linyekula para a bienal Artista na Cidade. O bailarino, coreógrafo e encenador apresentará espetáculos em várias salas e espaços da cidade e criará novos projetos com artistas, estudantes e habitantes de Lisboa.

Alcantara
CCB
Companhia Nacional de Bailado
Culturgest
Festas de Lisboa
Fundação Calouste Gulbenkian
Maria Matos Teatro Municipal
São Luiz Teatro Municipal
Teatro Nacional D. Maria II
Temps d'Images Lisboa

Faustin Linyekula coloca várias formas de arte – dança, teatro, música, vídeo, literatura – ao serviço de uma obra assumidamente política. Filho de um país de contrastes e contradições, nunca se cansa de falar sobre a República Democrática do Congo. Nas suas obras, mostra uma história de colonialismo e pós-colonialismo (se existir), chora a devastação provocada por guerras intermináveis, desmascara a cleptocracia reinante, denuncia a miséria e a fome... Mas Faustin não seria Faustin se também não cantasse a beleza do país onde nasceu, a generosidade e a alegria dos seus habitantes, o espírito de resiliência e a esperança que parece nunca morrer. Uma poesia profundamente humana e conciliadora percorre o conjunto da sua obra, que se lê como uma tentativa de criar memória num país onde tudo se desfaz, numa sociedade que sobrevive nas ruínas de um passado violento e sanguinário.

jan/fev

14 > 24 janeiro
Teatro Camões /
CNB

**Programa Dança
e Documentário
Portrait Series:
I Miguel**

Um solo de Faustin
Linyekula

**No Escuro
do Cinema
Descalço os
Sapatos**

Um filme de
Cláudia Varejão

21 janeiro
Maria Matos
Teatro Municipal
**Workshop com
alunos finalistas
ESTC**

24 janeiro
Moinho da
Juventude, Cova
da Moura /
Maria Matos
Teatro Municipal
Le Cargo

**26 janeiro >
4 fevereiro**
Espaço Alcantara
1Space Lab

mai/jul

**Início de maio
> 21 maio**
Maria Matos
Teatro Municipal
**Workshop
com alunos
finalistas ESTC**

21 maio
Centro de
Experimentação
Artística, Vale
da Amoreira /
Maria Matos
Teatro Municipal /
Companhia Nacional
de Bailado

**Le Cargo +
Portrait Series:
I Miguel**

1 > 2 junho
Culturgest /
Alcantara Festival
**Sur les traces
de Dinozord**

4 > 5 junho
São Luiz
Teatro Municipal,
Sala Principal /
Alcantara Festival
**The Dialogue
Series: IV. Moya**

out/dez

4 junho > 5 julho
Maria Matos
Teatro Municipal
**Workshop
com alunos
finalistas ESTC**

17 junho
**Espetáculo
de rua**
Terraços do Carmo /
Festas de Lisboa

19 junho
Bairro Padre Cruz /
Maria Matos Teatro
Municipal /
Le Cargo

22 > 26 junho
Teatro Nacional
D. Maria II
**Voz Alta,
Festival
de Leituras
Encenadas**

6 > 10 julho
Maria Matos
Teatro Municipal
**Apresentações
da criação dos
alunos finalistas
ESTC**

28 > 29 outubro
São Luiz
Teatro Municipal,
Jardim de Inverno
**Le Festival des
Mensonges**

2 > 3 novembro
São Luiz
Teatro Municipal,
Sala Principal
**Sans-titre de
Raimund Hoghe**

10 > 11 novembro
Fundação Calouste
Gulbenkian,
Grande Auditório
**more more
more... future**

18 > 19 novembro
CCB, Pequeno
Auditório
**Statue of Loss /
Triptyque
Sans Titre**

novembro
Bairros
multiculturais
Grande Lisboa /
Maria Matos
Teatro Municipal
Le Cargo

novembro
Cinema Ideal /
Temps d'Images
Lisboa
**Palestra de
Isabelle Danto
sobre a obra
de Faustin
Linyekula**

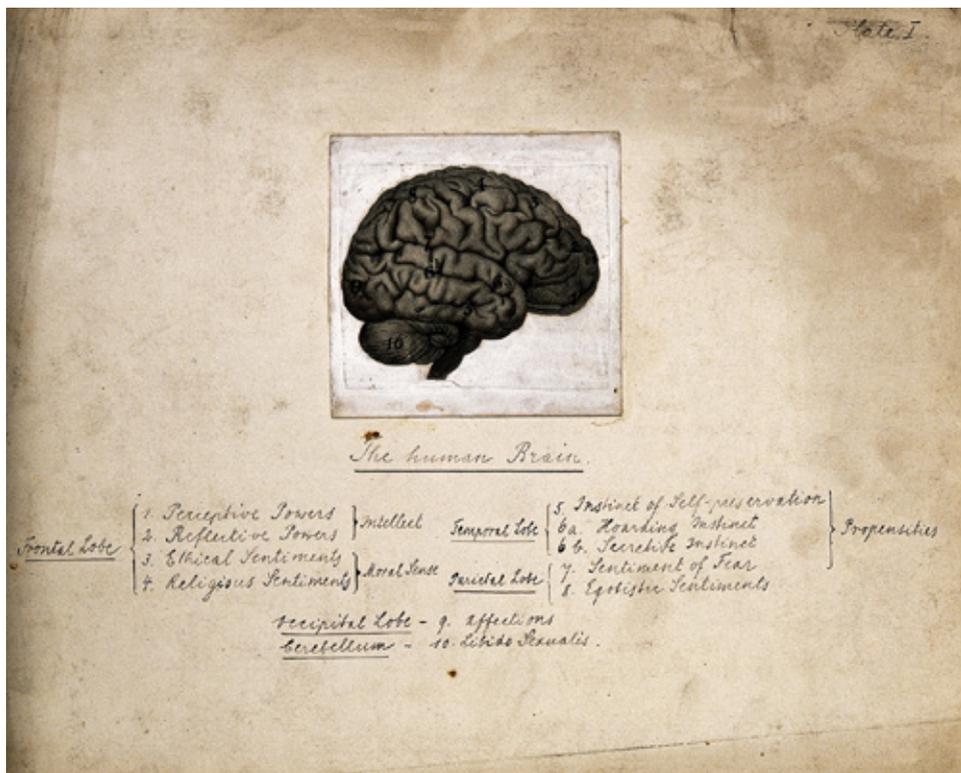
dezembro
local a anunciar /
Temps d'Images
Lisboa
**Filme
Documentário
Faustin
e Lisboa,
de Miguel
Munhá**



© Eric de Mildt

Discursos do cérebro

Revelações das neurociências



O cérebro humano segundo Bernard Hollander © CCBY

Pequeno Auditório · 18h30

Entrada gratuita

Levantamento de senha de acesso 30 minutos antes de cada sessão, no limite dos lugares disponíveis. Máximo por pessoa: 2 senhas.

Este ciclo de conferências será transmitido no site www.culturgest.pt

Organização Joana Barros (Viver a Ciência, Lisboa), Ana Margarida Nunes (Fundação Champalimaud e Viver a Ciência, Lisboa)

As neurociências têm vindo a expandir o nosso conhecimento sobre o cérebro de uma forma surpreendente. Novas perguntas e técnicas dissecam com cada vez mais pormenor os mecanismos da perceção, da memória, do medo e da tomada de decisões. Questiona-se a natureza da consciência, do livre-arbítrio e da inteligência, e estudam-se minuciosamente os mecanismos da plasticidade neuronal. Espera-se ficar a conhecer melhor a nossa natureza, mas também abrir caminho para a compreensão e tratamento de várias doenças neurológicas. Deve a aplicação desse conhecimento ficar limitada à doença ou dever-se-á permitir o seu uso para melhorar as capacidades inatas do homem? Esta é uma questão que se estende muito para além do domínio médico e académico e obriga a uma reflexão sobre a própria natureza humana, sobre quem queremos ser e em que sociedade queremos viver.

Este ciclo de conferências pretende desvendar um pouco deste fascinante mundo dos processos neuronais e promover uma discussão mais alargada sobre as suas repercussões filosóficas, éticas, sociais e individuais.

Miguel Remondes – Investigador Principal, Laboratório de Perceção, Memória e Decisão, Instituto de Medicina Molecular.

Rui Oliveira – Investigador Principal, Laboratório de Biologia Integrativa do Comportamento, Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Instituto Gulbenkian de Ciência.

Diana Prata – Investigadora Principal, Laboratório de Neurobiologia Humana e Cognição, Instituto de Medicina Molecular.

Francisco Teixeira – Diretor do Serviço de Neurofeedback, Neurobios, Instituto de Neurociências.

Neuroscience has expanded our knowledge of the brain with surprising research into the mechanisms of perception, memory, fear and decision-making. It has revealed insights into consciousness, free will, intelligence and neuroplasticity, while hoping to understand human nature and the treatment of neurological diseases. Should this knowledge be limited to fighting disease or can we use it to improve our innate capacities? This lecture series calls for reflection on what kind of society we want to live in, looking at the philosophical and ethical repercussions of neuronal processes.

7 de setembro
Decisão Flexível: a base biológica dos comportamentos baseados na memória
Miguel Remondes

14 de setembro
O Cérebro Social: como a vida social influencia o cérebro e o comportamento
Rui Oliveira

21 de setembro
Empatia: Biologia ou Educação?
Diana Prata

28 de setembro
A Arte e a Ética da neuromanipulação do Eu
Francisco Teixeira
Rui Oliveira

Sete Círculos

Os Limites da Cidade



© Duarte Belo

Pequeno Auditório · 18h30

Entrada gratuita

Levantamento de senha de acesso 30 minutos antes de cada sessão, no limite dos lugares disponíveis. Máximo por pessoa: 2 senhas.

As conferências serão transmitidas no site www.culturgest.pt

8 de setembro

18h30 Apresentação do Projecto *Sete Círculos*, Eduardo Costa Pinto

18h40 *Os Passos em Volta*, José Sarmento de Matos

19h *A Circunvalação Dissolvida*, Gonçalo Byrne*

19h20 *Sintaxe Urbana*, Francesc Muñoz

19h40 Debate (moderado por João Nunes)

15 de setembro

18h30 Apresentação do Projecto *Sete Círculos*, Pedro Campos Costa

18h40 *Circulando por Círculos Imperfeitos*, Mário Alves

19h *A voz de uma natureza domesticada e mais alguns artefactos*, Olivia Bina

19h20 *Sem limites: a metrópole híbrida*, Eduardo Brito-Henriques

19h40 Debate (moderado por João Ferrão*)

* Sujeito a confirmação

*Por isso não trataremos aqui senão dos limites que no volver dos séculos tem apresentado a Cidade de Lisboa, da banda da terra.*¹

O espaço urbano transformou-se num espaço heterogéneo, sem limites físicos precisos, aterritorial, como diz Francesc Muñoz, ou desligado da sua própria geografia, como defende o arquiteto americano Michael Sorkin. Seja pela distância de onde nos chegam os produtos que consumimos, seja pelo alcance dos nossos movimentos pendulares quotidianos, ou ainda pela velocidade de comunicação com o outro lado do mundo à distância de um *click*, no contexto contemporâneo, a escala e complexidade das nossas ações torna difícil a leitura e a perceção dos limites destes espaços. E com isso, perdemos «a noção de como a cidade é fruto de uma situação e está presa ao “em-torno” por feixes de tubos, fios, valas e caminhos por onde circulam os fluxos de matéria e energia que sustêm o metabolismo urbano.»²

Desenvolvendo-se ao longo de duas sessões, a conferência pretende questionar os limites da cidade contemporânea a partir de uma nova leitura sobre a paisagem e o território de Lisboa. Qual a ideia de centro? Onde está o limite entre espaço rural e espaço urbano? São algumas das questões que os autores do Projecto Sete Círculos, Pedro Campos Costa e Eduardo Costa Pinto, procuram investigar e colocar em diálogo, com a participação dos oradores José Sarmento de Matos, Gonçalo Byrne, Francesc Muñoz, Mário Alves, Olivia Bina, Eduardo Brito-Henriques, e moderação de João Nunes e João Ferrão.

1. Silva, A. V. (1941) *Os Limites de Lisboa*. Lisboa: Minerva, p. 3.

2. Brito-Henriques, E. (2016) “Sem Limites”, in Costa, P. C., Pinto, E. C. (Ed.) *Sete Círculos*. Porto: Circo de Ideias, p. 216.

The urban space has become heterogeneous, with no precise physical limits, aterritorial (Francesc Muñoz), or disconnected from its own geography (Michael Sorkin). The products we consume come from far away, our everyday movements reach far and wide, we communicate with the other side of the world at the speed of a click, the scale and complexity of our actions make it hard to perceive the limits of these spaces. We have lost our notion of the city. In two sessions, this conference will question the limits of the contemporary city, by taking a new look at the landscape and territory of Lisbon.

Comunidade de Leitores

“E viveram felizes para sempre...”
por Helena Vasconcelos



Hieronymus Bosch. *O Jardim das Delícias Terrenas*, 1504 (pormenor do painel central)

Sala 1 · 18h30

Inscrições na bilheteira da Culturgest,
pelo telefone 21 790 51 55 ou pelo e-mail
culturgest.bilheteira@cgd.pt
Lotação: 40 participantes

“E viveram felizes para sempre...” Esta bem conhecida fórmula, presente nos finais dos contos de fadas, é previsivelmente enganadora. Para além de sabermos que tudo no universo é finito, a felicidade tão pouco é um estado duradouro. Tolstói, no célebre início de *Anna Karenina*, escreveu que, «Todas as famílias felizes são iguais, cada família é infeliz à sua maneira», retirando, desta feita, todo o potencial literário, romanesco, à felicidade. No entanto, desde a Antiguidade que os filósofos questionam a noção de felicidade. De acordo com o pensamento de raiz socrática, a própria “filosofia” conduz à felicidade – Platão associou-a à sabedoria, à “eudaimonia”, termo que significa viver sob a influência de um espírito bom. Para Aristóteles, a felicidade era o objetivo principal do ser humano, “porque todos os nossos atos tendem para o bem”. Montaigne, Schopenhauer e Nietzsche pensaram a felicidade e Freud também especulou sobre o assunto, ligando-o ao prazer. No século XX, Alan Watts escreveu que a “ansiedade” contemporânea – viver para o futuro e não no presente – é a principal inimiga da felicidade.

“Gente feliz não tem história”, diz-se amiúde, e, neste ciclo, discutiremos tudo o que possa provar o contrário. Do realismo aliado à ironia em Flaubert e Eça, passando pela pertinácia de Austen, pela superação do luto de Macdonald, pela ânsia de liberdade de Sapienza ou pelas atribulações de uma vida, no caso do herói de Boyd, tudo converge para o desejo de retratar vidas intensas em que se destaca a procura da felicidade ou de algo que se lhe assemelhe, ou a substitua.

“And they lived happily ever after...” The well-known ending for fairy tales is predictably deceptive. Everything is finite and happiness is, definitely, not everlasting. Happiness has been questioned since antiquity and, in this cycle, we investigate it: from Flaubert and Eça’s realism mixed with irony to Austen’s pertinacity, the overcoming of mourning in Macdonald, Sapienza’s longing for freedom or the trials and tribulations of life, in the case of Boyd’s hero, all converge towards the desire to portray intense lives where the search for happiness or something similar is what matters.

Qui 8 de setembro

A Educação Sentimental,
Gustave Flaubert, ed. Relógio
D’Água

Qui 22 de setembro

Persuasão, Jane Austen,
ed. Relógio D’Água

Qui 6 de outubro

A Arte da Alegria, Goliarda
Sapienza, ed. Dom Quixote

Qui 3 de novembro

*Viagem ao Fundo de um
Coração. Os Diários Íntimos
de Logan Mountstuart*, William
Boyd, ed. Casa das Letras

Qua 30 de novembro

A de Açor, Helen Macdonald,
ed. Lua de Papel

Qui 15 de dezembro

A Cidade e as Serras,
Eça de Queirós, Porto Editora

André Santos Trio

Ciclo “Jazz +351”

Comissário: Pedro Costa



© Clara Pereira

Pequeno Auditório · 21h30
Duração: 1h · 5€ (preço único) · M6

Guitarra André Santos Contrabaixo Matt Adomeit
Bateria Tristan Renfrow

Enérgica, crua e sempre irrequieta, a música do André Santos Trio tem nela, bem cimentado, o melhor de vários mundos: a linguagem utilizada é assumidamente a do jazz, mas o vocabulário pode denotar a influência do rock *indie* das últimas décadas (não constituindo uma surpresa se, no alinhamento, surgir uma *cover* da canção *In Bloom* dos Nirvana) e até da tradição popular portuguesa (também se poderá ouvir o tema *Verdes Anos* de Carlos Paredes) e de outros pontos do mundo. A perspectiva é inclusivista, sem seguir as vias em tempos abertas pela fusão ou pela estética de colagem – simplesmente, o jazz que toca mantém a sua fidelidade ao princípio que sempre norteou este idioma musical desde o berço em New Orleans: absorve tudo o que encontra à volta. A improvisação é o foco maior, mas a escrita não se coloca apenas ao serviço dos solos. As articulações conjuntas da guitarra de André Santos, do contrabaixo de Matt Adomeit e da bateria de Tristan Renfrow são tão, ou mais, importantes, numa abordagem eminentemente coletiva. E só não se trata de um *power trio* porque essa condição tornaria previsível o que se pretende aberto e sujeito a permanentes mutações. O resto, a potência designadamente, está lá.

The André Santos Trio play raw, energetic music, bringing us the best of many worlds: it is undeniably jazz, but with influences of indie rock and even of traditional music from Portugal (Carlos Paredes, for instance) and elsewhere in the world. It is inclusive in nature, but without suggesting fusion or collage – their jazz remains faithful to its traditional roots, absorbing everything else around. With the emphasis on improvisation, they give more importance to collective interplay than solo efforts. While avoiding the predictability of a “power trio”, they are certainly very powerful.

A Vida Conversada

com D. Manuel Clemente
e João Lobo Antunes



Rui Chafes. *Despertar*, 2004 · Fotografia © Alcino Gonçalves

Pequeno Auditório · 18h30

Entrada gratuita

Levantamento de senha de acesso
30 minutos antes de cada sessão, no
limite dos lugares disponíveis. Máximo
por pessoa: 2 senhas.

Este ciclo de conferências
será transmitido no site
www.culturgest.pt

D. Manuel Clemente Cardeal-Patriarca de Lisboa
João Lobo Antunes Professor Emérito da Universidade
de Lisboa

Moderador: Vítor Gonçalves

Manuel Clemente e João Lobo Antunes, duas figuras distintas da cultura portuguesa contemporânea – ambos recipientes do Prémio Pessoa – decidiram refletir em conjunto sobre quatro temas apaixonantes do mundo contemporâneo. Irão fazê-lo sob uma das formas mais antigas de interpelar a inteligência: através de um diálogo público, liberto de preconceitos ou anteolhos ideológicos, expondo os seus pontos de vista frente a uma audiência que com eles partilhe a mesma inquietação intelectual.

O primeiro dos temas escolhidos é o “Sentido da Vida”, na medida em que esta transcende as contingências do acaso biológico, e define a circunstância de cada um e o seu destino.

O segundo, está próximo do debate candente sobre a morte e as duas verdades que encerra e que o ditado latino tão simplesmente resume: “mors certa, hora incerta”. O título é propositadamente ambíguo: “O (des)conhecimento da morte”.

O terceiro diálogo é um olhar simultaneamente horizontal e profundo, bem enraizado nas lições da História, iluminado pela luz necessariamente velada de um futuro apenas imaginado, sobre a humanidade como objeto político. Será inspirado por uma filosofia que teima em não esquecer a centralidade do Homem. Chama-se a “Humanidade como política”.

Finalmente, os dois participantes regressam ao mundo que foi e é o seu, e onde labutaram ao longo de várias décadas: “O conhecimento – a ciência, a filosofia, a arte”, e o modo como a modernidade os foi moldando, como abalou ou consolidou a sabedoria e os milagres do espírito.

Aos quatro diálogos seguir-se-á um período de debate com a audiência moderado pelo jornalista Vítor Gonçalves, que foi o anfitrião de uma série de programas televisivos em que os dois intervenientes participaram.

12 de setembro

Sentido da vida

19 de setembro

O (des)conhecimento
da morte

10 de outubro

Humanidade como política

17 de outubro

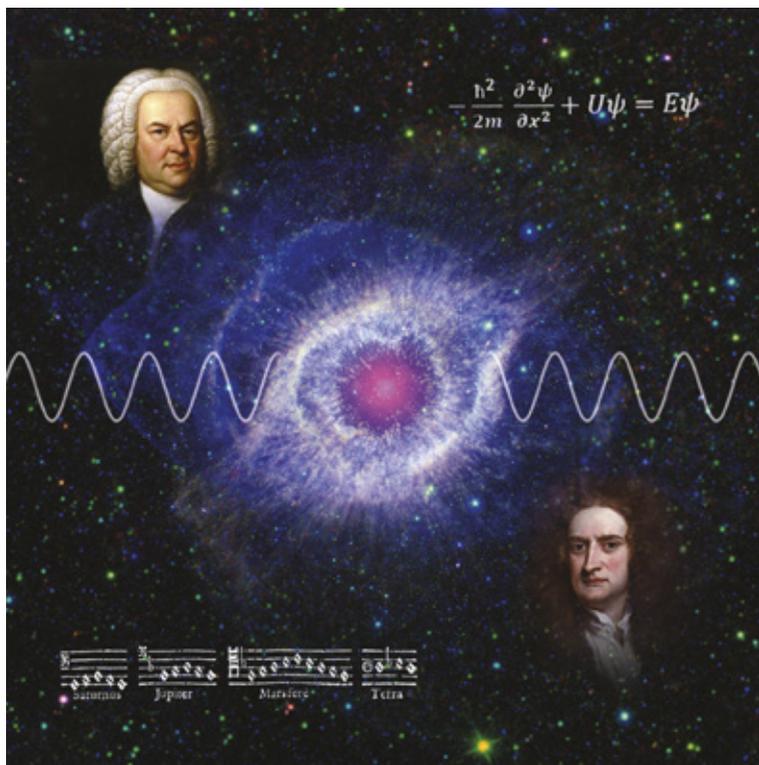
O conhecimento – a ciência,
a filosofia, a arte

In a public dialogue, without ideological preconceptions, Manuel Clemente and João Lobo Antunes reflect on four exciting contemporary themes: the “Meaning of Life”, insofar as it transcends biological chance and determines our fate; “What we (don’t) know about death (“*mors certa, hora incerta*”); “Humanity as politics” or the lessons of History about humankind, illuminated by the light of an imagined future; and finally “Knowledge – science, philosophy, art” or the way that modernity has shaped the miracles of the mind. Each dialogue is followed by a public debate chaired by Vítor Gonçalves.

Música e Ciência

Histórias de vibrações e equações em demanda do sublime

com Eugénio Harrington Sena



Pequeno Auditório · 18h30

Entrada gratuita

Levantamento de senha de acesso 30 minutos antes de cada sessão, no limite dos lugares disponíveis. Máximo por pessoa: 2 senhas.

Este ciclo de conferências será transmitido no site www.culturgest.pt

13 de setembro

A música antes de Pitágoras e a ciência depois de Stockhausen – entre a vibração de uma corda e a “partícula de Deus”.

20 de setembro

De Pitágoras a Kepler: dois milénios de saber da filosofia natural – a música das esferas, a herança aristotélica, a tradição hermética e a harmonia do mundo.

27 de setembro

O século de Newton e de Bach (entre os sécs. XVII e XVIII) – a explosão científica, magia e alquimia, e a síntese polifónica.

4 de outubro

Iluminismo, romantismo e eletromagnetismo (sécs. XVIII e XIX) – razão e emoção, entre Mozart e Maxwell, em busca da felicidade e das leis da natureza.

11 de outubro

Realidade, abstração e espiritualidade. Do infinitamente pequeno ao infinitamente grande (sécs. XX e XXI) – os caminhos de Schoenberg, Einstein, Heisenberg e Stockhausen.

Quando Pitágoras, no século VI a.C., estabeleceu a relação numérica dos intervalos musicais juntou a música e a ciência pela primeira vez. A ligação entre os princípios matemáticos e uma ordem cósmica musical e harmoniosa foi perdurando através dos séculos e muitas das descobertas da ciência tiveram como inspiração o estudo de princípios musicais. Música e ciência fizeram um percurso comum até ao século XVI, mas o nascimento da ciência moderna e o desenvolvimento de novas práticas musicais aceleraram vertiginosamente o processo de separação das duas, embora fossem mantendo alguns protagonistas comuns.

Música é som, e som é vibração de uma onda. A ciência explica que a luz e a matéria também são ondas, vibrações de campos invisíveis, ocultas nos fenómenos da natureza. Por isso, não admira que magia, alquimia e espiritualidade estejam presentes nas histórias conjuntas e paralelas da música e da ciência.

Este ciclo faz um percurso por algumas etapas fundamentais dessas histórias.

Eugénio Harrington Sena é licenciado em Engenharia Química e tem uma pós-graduação em Gestão das Artes. Foi o diretor técnico da Culturgest de 1993 a 2010 tendo desempenhado, anteriormente, diversas funções na Companhia Nacional de Bailado e no Teatro Nacional de São Carlos. Realizou na Culturgest, em 2013 e 2014, dois ciclos de conferências sobre Richard Wagner.

The link between music and science has existed ever since Pythagoras established the numerical relationship of musical intervals. However, the birth of modern science and the development of new musical practices rapidly led to their separation. Music is sound, and sound is the vibration of a wave. So it is not surprising to discover that magic, alchemy and spirituality are part of their parallel histories. This cycle, led by Eugénio Harrington Sena, a graduate in Chemical Engineering, with postgraduate studies in Arts Management, takes a look at some of the fundamental stages in this process.

Rebuçados venezianos

Maria Filomena Molder



Luísa Correia Pereira. *Rebuçados venezianos*, 1991

Pequeno Auditório · 18h30

Entrada gratuita

Levantamento de senha de acesso 30 minutos antes da sessão, no limite dos lugares disponíveis. Máximo por pessoa: 2 senhas.

Notas a desenvolver no lançamento de *Rebuçados venezianos*:

1. Como alguns dos meus outros livros, *Rebuçados venezianos* reúne textos dispersos.

2. Quanto ao género de textos, ele prolonga *Matérias sensíveis* de 1999, que se ocupava de arte e de artistas.

3. Nunca se poderá justificar por que é que alguém escreve sobre isto e aquilo desta e daquela maneira. Sei apenas que desde que li o que Mandelstam escreveu sobre os impressionistas passei a seguir uma disciplina que me era adversa. Eis as suas estações: começa-se por uma experiência de choque sem amortecimento, os olhos têm, por assim dizer, de mergulhar em água gelada. Segue-se um exercício de paciência e limpeza que tende a chegar àquele ponto em que a obra não se parece com coisa nenhuma, ascese que não impede momentos de plenitude. Claro, que nunca consegui seguir a disciplina à risca, pois a indisciplina é um dos meus temperos favoritos.

4. Duas Luísas – para sermos exactos, uma Luísa e uma Louise – reinam neste livro. Da primeira, Luísa Correia Pereira, procede o seu título, por sua vez, o título de uma pequena tela de 1991, escolhida para capa. Da segunda, Louise Bourgeois, recebi o ímpeto para averiguar o que distinguia a filosofia da arte, tudo isso convertido em matéria de sobrevivência, e fazer a boa pergunta: “O que é que a Louise Bourgeois sabe, que eu não sei?”. É evidente que o reinado destes nomes conhece boa vizinhança, sem hierarquia nem domínio, com todos os outros nomes.

Maria Filomena Molder (redigido em conformidade com a norma anterior ao Acordo Ortográfico de 1990)

Maria Filomena Molder é Professora Catedrática de Filosofia, FCSH, UNL. Últimas publicações: *Símbolo, Analogia e Afinidade*, Vendaval, 2009. *O Químico e o Alquimista. Benjamin, Leitor de Baudelaire*, Relógio d'Água, 2011 – Prémio Pen-Club 2012 para Ensaio. *As Nuvens e o Vaso Sagrado*, Relógio d'Água, 2014.

Rebuçados venezianos is a collection of scattered texts, a continuation of *Matérias sensíveis* (1999) about art and artists. Influenced by Mandelstam's thoughts on the impressionists, I followed a discipline contrary to my style, beginning with a great shock followed by an exercise in patience when the work did not seem like anything at all, ascetics leading to moments of plenitude. This book is inspired by two Luísas: Luísa Correia Pereira provides the title, named after a small painting of hers from 1991; Louise Bourgeois gave me the impetus to question what distinguishes philosophy from art.

RA

RELÓGIO D'ÁGUA
EDITORES

Andrea dos Guimarães

Desvelo



© Omar Paixão

Grande Auditório · 21h30
Duração: 1h · 18€ · Jovens até 30 anos
e desempregados: 5€ · M6

Voz e piano Andrea dos Guimarães

Andrea dos Guimarães nasceu em Minas Gerais, radicou-se em São Paulo, começou a estudar piano clássico muito nova, com a sua mãe. O seu pai foi a sua primeira inspiração no canto. Bacharel em Música Popular e Mestre em Música pela Universidade Estadual de Campinas, é professora universitária.

Há 14 anos que integra o trio Conversa Ribeira, que se dedica à música caipira (a do centro-sul do Brasil, principalmente do interior dos estados de São Paulo e Minas), e de 2007 a 2013 fez parte do Garimpo Quarteto, banda de música improvisada.

Decidiu gravar um disco a solo, porque tinha vontade antiga de cantar acompanhando-se ao piano. Financiou-se através de *crowdfunding*, e gravou em estúdio o álbum *Desvelo*, lançado no Brasil em 2015. Também esteve em Portugal e Espanha numa discreta e curta digressão de lançamento do disco que, em Lisboa, a levou ao Hot Club e ao café bar Duetos da Sé. O concerto desta noite também se constrói em torno do *Desvelo*.

Andrea interpreta, com voz suave e arranjos delicados, canções muito conhecidas – *Começar de Novo*, *Retrato em branco e preto*, *Acalanto* ou *Ela desatinou* – de compositores e letristas como Ivan Lins, Tom Jobim, Chico Buarque, Milton Nascimento, Edu Lobo, mas também músicas suas ou mesmo uma de Björk.

Interpretações de uma aparente simplicidade, mas muito sofisticadas, de uma grande sensibilidade, que nos fazem ouvir com outros ouvidos temas que sabemos de cor.

São Paulo-based university teacher Andrea dos Guimarães learned classical piano from her mother and singing from her father. After playing Brazilian country music for 14 years with the trio Conversa Ribeira and improvised music with the Guarimpo Quartet, she turned solo because she wanted to sing and play piano. Her album *Desvelo*, released in 2015, forms the basis of tonight's concert. With her soft voice and delicate arrangements, Andrea gives us apparently simple, but highly sophisticated and sensitive interpretations of songs by famous singer-songwriters, and also performs her own music.

Apoio na divulgação:

SMOOTH^{FM}
...and all that jazz!

Adishatz / Adieu

Adeus

de Jonathan Capdevielle



© Alain Monot

Grande Auditório · 21h30
Duração: 50 min · 15€ · Jovens até 30
anos e desempregados: 5€ · M12

Em francês e inglês,
com legendas.

Conceção e interpretação Jonathan Capdevielle
Luz Patrick Riou **Direção técnica** Christophe Le Bris
Direção de som Johann Loiseau **Colaboração artística** Gisèle Vienne **Olhar exterior** Mark Tompkins **Assistente de áudio** Peter Rehberg **Assistente artístico para a digressão** Jonathan Drillet **Difusão, administração** Fabrik Cassiopée (Isabelle Morel e Manon Crochemore) **Com a participação de** ECUME, grupo coral universitário de Montpellier (direção musical de Sylvie Golgevit com, em alternância, Pierre-Yves Bruzzone, Renaud Lebrun, Paco Lefort, Jean-Luc Martineau, Olivier Strauss, Benoit Vuillon) **Ajuda** DACM e equipa técnica do Quartz, Scène Nationale de Brest **Produção executiva** Association Poppydog **Coprodução** Centre Chorégraphique National de Montpellier no quadro de]domaines[, Centre Chorégraphique National de Franche-Comté no quadro de accueil-studio e BIT Teatergarasjen **Apoio** Centre National de la Danse pela disponibilização de estúdios **Estreia** Janeiro de 2010, Festival C'est de la danse contemporaine, Toulouse

Quando era adolescente, Jonathan Capdevielle decorava e cantava êxitos pop, sobretudo de Madonna. Esse material, transformado e cantado *a cappella*, junta-se em *Adishatz/Adieu* aos cantos pirenaicos e a conversas imitadas para formar um autorretrato onde a identidade da personagem se vai revelando: ambivalente, complexa, vulnerável, divertida ou triste, homem ou mulher.

Como notas num caderno, este é um documentário confessional entre a vida real e sonhada – sobre a adolescência, a masculinidade, as raízes e a família.

É – tenho de dizer em voz alta? – brilhante (eu achei). (...) É continuamente encantador ao mesmo tempo que é de certa forma ligeiramente sinistro, assustador e repulsivo (no sentido mais literal). É digamos que simultaneamente soft e hard. É tanto absolutamente Queer como de algum modo agressivamente straight e masculino tudo ao mesmo tempo.

Andrew Haydon, *Postcards from the Gods*, 23 de setembro de 2015

Ator fetiche das peças de Gisèle Vienne (entre as quais *Jerk*, visto no FIMFA/Teatro Maria Matos em 2011), Jonathan Capdevielle tem também um percurso a solo no qual se destaca o espetáculo que agora apresentamos – e que recebeu o ano passado o Grande Prémio do Festival de Belgrado (BITEF).

Disco hits, Pyrenean songs and imitated conversations form a self-portrait in which the character's identity is gradually revealed: ambivalent, complex, vulnerable, funny or sad, a man or a woman. Like notes in a notebook, this is a confessional documentary that is somewhere between real and dream life – about adolescence, masculinity, roots and family. Critic Andrew Haydon called it “brilliant”, and added: “It’s continually charming at the same time as being somehow slightly spooky, scary and *repulsive* (in the most literal sense). It’s kind of *soft* and hard at the same time. It’s both absolutely Queer and somehow also aggressively straight and masculine all at once.”

RUSIVAM SA
Internacional, Distribuição de Vidro

Abdullah Ibrahim

Solo



Grande Auditório · 21h30
Duração: 1h · 20€ · Jovens até 30 anos
e desempregados: 5€ · M6

Piano Abdullah Ibrahim

Abdullah Ibrahim é um grande da história do jazz. Revelado por Duke Ellington, na Europa e nos Estados Unidos, a sua longa carreira, registada em dezenas de discos e em centenas e centenas de concertos por todo o mundo, deram-lhe esse lugar.

Veio a Lisboa várias vezes. Em setembro de 2011 esteve na Culturgest num concerto memorável a solo. Volta agora. Entretanto, em 2014, quando completou 80 anos, gravou, também sem acompanhamento, o álbum magnífico *The Song Is My Story*, um CD e um DVD.

Nesse álbum, para além de improvisações, toca temas seus de 1954, 1960 e 1970. Com uma única exceção, são peças muito curtas, de breves minutos ou de menos de um minuto. Direito ao essencial, com uma extrema depuração.

O recital desta noite não deve andar longe da estrutura desse álbum. Mas será o que este enorme músico quiser que seja. O que decidir no momento em que se sentar ao piano.

A sua arte continua a refinar-se, paira numa serenidade sábia. Os seus concertos, raros pela sua beleza, são escassos. Também por isso esta é uma oportunidade excepcional para o ouvirmos.

Abdullah Ibrahim is one of the genuine jazz greats. His long career has resulted in scores of recordings and many hundreds of concerts worldwide. He has been to Lisbon several times, playing a memorable solo concert at Culturgest in September 2011. In 2014, at the age of 80, he recorded the magnificent solo album *The Song Is My Story*, on which, besides improvisations, he plays his own music from the early days: bare, simple and straight to the point. Tonight's concert should follow this same structure, but it will be whatever he wants, whatever he decides. A rare opportunity not to be missed.

Heroes just for one evening

O legado de David Bowie



Mesa-redonda: Pequeno Auditório
17h-18h15 · Entrada livre no limite dos lugares disponíveis

Sessão de DJing: Garagem Culturgest
18h30-20h30 · Entrada gratuita
Levantamento de senha de acesso a partir das 18h, no limite dos lugares disponíveis. Máximo por pessoa: 2 senhas.

Organização Centro de Estudos Anglísticos da Universidade de Lisboa (CEAUL-ULICES) **Convidados** Vítor Belanciano, Rui Pregal da Cunha, Manuel Mozos, Vítor Rua, Miguel Sá, Isilda Sanches, Svenska

Celebrando a criatividade transgressiva e a inovação sem limites que associamos a David Bowie, o congresso interdisciplinar *David Bowie Interart|text|media* culmina numa mesa-redonda com convidados de várias áreas artísticas, seguida por uma sessão de DJing.

Moderada pela radialista e crítica de música Isilda Sanches, a mesa-redonda conta com a presença do cineasta Manuel Mozos, dos músicos Rui Pregal da Cunha e Vítor Rua e do jornalista e crítico de música Vítor Belanciano, para dar início a um diálogo aberto ao público sobre o multifacetado universo bowiano. A sessão de DJing inclui versões e misturas de temas de Bowie apresentadas por Miguel Sá (curador do evento, músico e DJ), Rui Pregal da Cunha (ex-vocalista da banda Heróis do Mar, DJ e músico) e Svenska (DJ). O *dress code* (opcional) será de inspiração bowiana.

David Bowie Interart|text|media decorre na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa entre os dias 22 e 24 de setembro de 2016, com o apoio da Fundação para a Ciência e Tecnologia e da Culturgest. Informações adicionais podem ser consultadas em davidbowieconference.org.

Bem-vindos e... *Let's dance!*

In a celebration of the transgressive creativity and limit-free innovation which define David Bowie, the interdisciplinary conference *David Bowie Interart|text|media* is brought to a close by a round-table discussion with guest speakers from different artistic fields, followed by a DJ session. The dress code (optional) is Bowie-inspired.

Extending the reflection on the cultural influence of David Bowie's oeuvre in its intermedia, intertext and interart dimensions to the general public, this initiative is included in the programme of the international conference *David Bowie Interart|text|media*. The conference is to take place at the School of Arts and Humanities of the University of Lisbon, 22-24 September, and is sponsored by the Fundação para a Ciência e Tecnologia and Culturgest. The entrance is free both for the events at Culturgest and the sessions at the School of Arts and Humanities. The latter include plenary talks and academic panels stemming from diverse disciplinary fields, but which come together in a Bowie-inspired universe.

Vortex Temporum

de Anne Teresa De Keersmaeker /
Rosas & Ictus



© Anne Van Aerschoot

Grande Auditório · 21h30
Duração: 1h · 20€ · Jovens até 30 anos
e desempregados: 5€ · M12

Coreografia Anne Teresa De Keersmaeker **Criado com e dançado por** Boštjan Antončič, Carlos Garbin, Maria Goudot, Cynthia Loemij, Julien Monty, Michaël Pomero, Mark Lorimer **Música** *Vortex Temporum*, Gérard Grisey (1996) **Direção musical** Georges-Elie Octors **Músicos** Ictus: Jean-Luc Plouvier (piano), Michael Schmid (flauta), Dirk Descheemaeker (clarinete), Igor Semenoff (violino), Jeroen Robbrecht (viola), Geert De Bièvre (violoncelo) **Desenho de luz** Anne Teresa De Keersmaeker, Luc Schaltin **Aconselhamento artístico para a luz** Michael François **Figurinos** Anne-Catherine Kunz **Dramaturgia musical** Bojana Cvejić **Coprodução** Rosas, De Munt / La Monnaie, Ruhrtriennale, Les Théâtres de la Ville de Luxembourg, Concertgebouw Brugge, Théâtre de la Ville, Sadler's Wells, Opéra de Lille, ImpulsTanz (Viena), Holland Festival **Estreia** 3 de outubro de 2013, Ruhrtriennale, Bochum

Em *Vortex Temporum*, Anne Teresa De Keersmaeker associa a polifonia da obra-prima homónima de Gérard Grisey a um contraponto dançado para sete bailarinos. Como pode a dança representar visualmente a polifonia? De Keersmaeker opta por um intrincado entrelaçamento do som e do movimento. Cada bailarino está ligado a um dos sete músicos, matizando a sua dança com o tipo de movimento que associamos ao instrumento. Bailarinos e músicos evoluem no mesmo espaço, num remoinho – um vórtice – de círculos em turbilhão. Como a própria De Keersmaeker observa: “Tanto podemos pensar no tempo de forma linear como de forma cíclica. Aquilo a que nos referimos como ‘agora’ é, de facto, um permanente oscilar entre memória e premonição, um vai vem entre a imagem residual do passado e uma expectativa de futuro.”

In *Vortex Temporum*, Anne Teresa de Keersmaeker tackles the polyphony in Gérard Grisey's eponymous masterpiece with a danced counterpoint for seven dancers. Probing the question: 'how can you visualise polyphony by dancing it?', de Keersmaeker decided to stage an intricate intertwining of sound and movement. Each dancer is linked to one of the seven musicians, and colours his or her dancing with patterns of movement appropriate to the instrument. Both the dancers and musicians travel the stage following a pattern – a vortex – of swirling circles. As de Keersmaeker observes: 'Time can be thought of as both linear and cyclical. That which we call 'now' is, in fact, a permanent tipping point; a balancing act between memory and anticipation, leaning back and forth between the ghost image of the past and a desire aimed at the future.'

A companhia Rosas é apoiada
pela Comunidade Flamenga

The Extra People

Os Excedentários
de Ant Hampton



© Britt Hatzius

Grande Auditório · 17h-21h30 (última entrada) · Dur. 1h20 · 12€ · Jovens até 30 anos e desempregados: 5€ · M16

Entrada de grupos de 15 pessoas, de 30 em 30 min.

Em português. Versão em inglês disponível mediante marcação.

Escrito e dirigido por Ant Hampton **Desenho de som e composição** Sam Britton **Aconselhamento artístico** Kate McInstosh **Montagem, desenho do sistema e direção técnica** Hugh Roche Kelly **Desenvolvimento inicial no EMPAC** Geoff Sobelle e Trey Lyford **Assistência no EMPAC** Julia Asharaf **Produtora criativa** Katja Timmerberg **Uma encomenda** EMPAC (Experimental Media and Performing Arts Center) **feita por** Ash Bulayev **Coprodução** Kaaitheater e Malta Festival **Apoio** Programa Cultura da Comissão Europeia através da rede House on Fire **Apoio suplementar** Instituto Francês / Alliance Française (Nova Iorque), Kingsfountain (Paris) **Estreia** 10 de setembro de 2015, EMPAC, Troy, Nova Iorque

Um sistema automatizado dirigido por voz e inspirado na gestão de armazém fica com a voz de uma criança. O enorme vazio de um teatro grande e adormecido torna-se um “espaço de produção”. Aos espectadores é dado o papel de figurantes, com lanternas e coletes de alta visibilidade, atravessando o ciclo da “produção” em grupos de quinze: 30 minutos na plateia, 30 em palco.

A voz sintética e por vezes melancólica que os guia através de auscultadores parece vir do sistema de som da sala, mas nada é partilhado. A coletividade é uma ilusão, e este público fica fragmentado, à deriva ou aparentemente a dormir, ligado a faixas de áudio separadas, à espera de ensaiar o abandono, experimentar a impotência. Este processo decididamente não-eficiente, cíclico e alucinatório está a ser sonhado pelo sistema ou pelos “figurantes” (ou por ambos)?

Ant Hampton tem-se especializado em propostas em que os espectadores são os únicos intérpretes (Autoteatro), entre as quais *The Quiet Volume* (com Tim Etchells), apresentado em 2012 na Culturgest / Alkantara Festival.

An automated, voice-directed system borrowed from warehouse management changes voices and becomes a child. A large and dormant theatre is turned into a ‘space for production’. An audience are cast as extras, and cycled through the ‘production’ in groups of fifteen. The synthetic and at times melancholic voice guiding them (via headphones) seems to come from speakers in the room, but nothing is shared. This audience is atomised, awaiting the call for what seems to be a rehearsal for abandonment, a trying-on of powerlessness. In this decidedly non-efficient, looping and hallucinatory process, is it the system dreaming, or the ‘extras’ within it – or both?

The Extra People é na verdade bastante perigoso, não para o público mas para noções de representação e participação (...), mergulhando-nos profundamente na realidade social e económica que define os nossos tempos: vazia, desligada, controlada, vagamente ameaçadora e muito pública: num palco, na verdade. Quando nos preparamos para sair, entra outro grupo e o espetáculo continua.

Molly Grogan, *Exeunt Magazine*, 6 de outubro de 2015

Vijay Iyer Trio

Break Stuff



© Lena Adasheva

Grande Auditório · 21h30
Duração aprox. 1h15 · 20€ · Jovens até
30 anos e desempregados: 5€ · M6

Piano Vijay Iyer **Contrabaixo** Stephan Crump
Bateria Justin Brown

Este trio esteve na Culturgest pela primeira vez em outubro de 2011 a apresentar o álbum *Historicity* (2009), que recebera enormes elogios da imprensa de todo o mundo, especializada e não só. Foi considerado o melhor disco do ano por imensas publicações.

Voltou em maio de 2013, quando comemorávamos os nossos 20 anos, com um concerto baseado no CD *Accelerando* (2012), ainda mais louvado do que o anterior.

Agora o disco que apresenta é *Break Stuff* (2015), também ele aplaudidíssimo por toda a gente. É muito raro haver uma tão grande convergência de opiniões sobre uma banda de jazz e o seu líder.

Os críticos de todo o mundo reunidos pela revista *Downbeat* – a mais conceituada de todas as publicações dedicadas ao jazz – têm considerado repetidamente Iyer como artista do ano e todos os álbuns do Trio melhores discos do ano. Em 2012 este músico, compositor, cientista (em tudo o que se mete se distingue), foi o primeiro em cinco das categorias em que se desdobra a votação dos críticos recolhida pela revista: Artista de Jazz do Ano, Pianista do Ano, Álbum de Jazz do Ano, Grupo de Jazz do Ano, Compositor Emergente do Ano. Feito único na história destas votações. Em 2015 e 2016 voltou ser eleito como Melhor Artista de Jazz do Ano.

Rodrigo Amado, crítico do jornal *Público*, que também concedeu as cinco estrelas a *Break Stuff*, considerou este álbum «o mais conseguido do grupo», escrevendo que estes músicos «destilam um jazz ultra moderno, simultaneamente acessível e experimental», realçando, entre outras características, a presença da tradição do jazz em todos os temas do CD. E conclui: «De cortar a respiração». É mesmo.

Neste concerto o baterista Martin Gilmore é substituído por Justin Brown, um prodígio que frequentemente faz parte do Trio.

The trio first played at Culturgest in 2011, presenting their award-winning album *Historicity*, and then in 2013 with their even more highly-regarded CD *Accelerando*. This time, they'll be playing their new album *Break Stuff* (2015), described by *Público* critic Rodrigo Amado as "breathtaking". All of the trio's CDs have been considered best record of the year, and critics have repeatedly voted Iyer artist of the year, with *Downbeat* placing him first in five different categories in 2012. He was again considered Artist of the Year in 2015 and 2016. At this concert, drummer Martin Gilmore is replaced by Justin Brown, who has frequently played with the trio.

Trojnik

Ciclo “Isto é Jazz?”

Comissário: Pedro Costa



© Nada Zgank

Pequeno Auditório · 21h30
Duração: 1h · 5€ (preço único) · M6

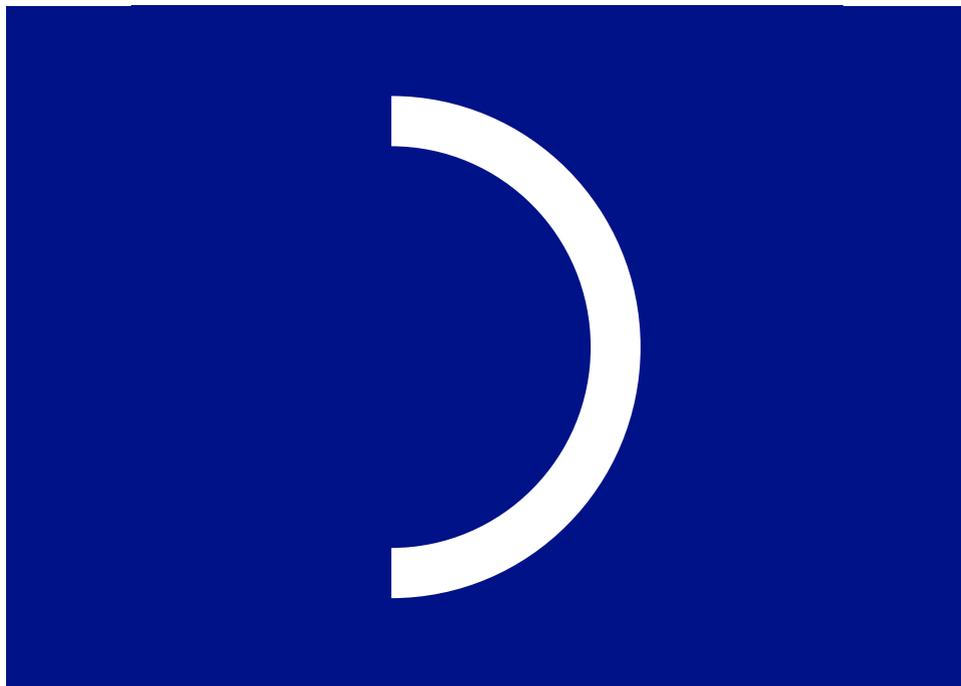
Bateria Vid Drašler **Contrabaixo, eletrónica** Tomaž Grom
Saxofone tenor Cene Resnik

Pouco conhecemos neste lado da Europa do que vai acontecendo no jazz e na música improvisada da Eslovénia. Se as vindas a Portugal (com idas à Galiza nas mesmas ocasiões e semelhantes resultados) de Zlatko Kaucic fazem parte da nossa história, culminando numa apresentação do baterista com Peter Brotzmann nos concertos que há poucos anos tiveram lugar na Cafeteria Quadrante do CCB, e se as mais recentes aparições da pianista Kaja Draksler, a sós ou ao lado de Susana Santos Silva, fizeram-se notar, o certo é que na antiga Jugoslávia muito mais existe e importa conhecer. É o caso do trio Trojnik, reunindo três figuras exponenciais daquelas paragens, o saxofonista Cene Resnik, o contrabaixista Tomaž Grom e o baterista Vid Drašler. A imprensa eslovena tem hesitado na maneira como os apresenta, ora juntando o prefixo “pós” ao rótulo *free jazz* para distinguir o grupo do que normalmente se faz nessa área, ou afirmando mesmo que os Trojnik estão a introduzir um novo género musical. Provavelmente, nem é muito importante chegar a uma conclusão, valendo mais o que fazem com os seus instrumentos. Expõem as entranhas destes, em composições instantâneas que têm tanto de visceral na expressão quanto de consistente na forma. Pois é altura de descobrir melhor o que se entende em Ljubljana como improvisação, e ninguém melhor do que o comissário do ciclo “Isto é Jazz?”, Pedro Costa, para nos proporcionar isso mesmo, dado que é também codiretor artístico do Ljubljana Jazz Festival.

Little is known over here about the jazz and improvised music scene in Slovenia. In Portugal, we have seen drummer Zlatko Kaucic playing with Peter Brotzmann at the CCB, and more recently pianist Kaja Draksler, but there's still much more music to be discovered in this part of ex-Yugoslavia. The Trojnik trio (Cene Resnik on sax, Tomaž Grom on bass and Vid Drašler on drums), for instance, sometimes described as “post”-free jazz or as an entirely new musical genre. Who better than Pedro Costa, artistic co-director of the Ljubljana Jazz Festival, to bring us the best of Slovenian improvisation?

Doclisboa 2016

14.º Festival Internacional de Cinema



Grande e Pequeno Auditórios
11h - 23h · M12 (exceções assinaladas
no programa oficial)

Preço dos Bilhetes

Bilhete normal: 4€
Voucher de 5 bilhetes: 18€
Voucher de 10 bilhetes: 30€
Voucher de 20 bilhetes: 55€
Grupos escolares (mediante
marcação prévia, mínimo
de 10 alunos): 1€

Descontos (mediante comprovativo)

Sócios Apordoc – Associação
Pelo Documentário: 2€
Jovens até aos 30 anos,
maiores de 65 anos,
desempregados: 3,50€

Acreditações (mediante documento comprovativo) em doclisboa.org

Profissionais de Cinema: 60€
Estudantes de Cinema: 35€

Filmes legendados em
português.

Programa disponível
em doclisboa.org a partir
de 26 de setembro.

Organização Apordoc – Associação pelo Documentário

A 14.ª edição do Doclisboa – Festival Internacional de Cinema é marcada pela retrospectiva integral de Peter Watkins – autor fulcral no panorama do documentário moderno, precursor do docudrama e realizador de *War Game* (vencedor do óscar de Melhor Documentário em 1966). A Retrospectiva *Por um Cinema Impossível: Documentário e Vanguarda em Cuba*, com curadoria de Michael Chanan e em parceria com o Museu Reina Sofia, mostra-nos um olhar sobre o cinema produzido em Cuba entre 1959 e 1972. Contrapondo o trabalho da nova vaga de documentaristas cubanos surgida nos anos 60 – que tem em Santiago Alvarez a sua figura central – com as obras de cineastas estrangeiros – destaques para Agnès Varda, Chris Marker e Joris Ivens. Da *Terra à Lua* – é a nova secção do Doclisboa que vai estreiar fora de competição filmes de realizadores chave (Wang Bing, Avi Mograbi, entre outros) em diálogo com um conjunto de obras que nos trazem o nosso presente colectivo nos seus diferentes lugares. *Heart Beat*, uma das secções mais queridas do Doclisboa, até aqui dedicada à música e artes performativas, abre este ano o leque também a outras artes e Verdes Anos passa a ter uma competição e júri próprios. No centro da programação, encontram-se as Competições Portuguesa e Internacional, tendo o Doclisboa sido seleccionado pela Academy of Motion Pictures Arts and Sciences para a pré-nomeação de candidatos aos ÓSCARES®. Este ano o festival dá continuidade às secções Cinema de Urgência e Riscos, onde apresenta um pequeno foco de filmes de correspondência, e ao laboratório de actividades profissionais Arché.

Doclisboa (redigido em conformidade com a norma anterior ao Acordo Ortográfico de 1990)

The 14th Doclisboa will bring retrospectives of the complete work of Peter Watkins (*War Game*) and Cuban documentaries from 1959 to 1972, contrasted with the work of foreign filmmakers (Agnès Varda, Chris Marker, Joris Ivens). A new section *From Earth to the Moon* will show documentaries made by key present-day directors, and this year *Heart Beat* is open to other arts besides music and the performing arts, while *Green Years* will have its own competition and jury, and *Cinema of Urgency*, *New Visions* and *Arché* will all be continued. Doclisboa has been chosen to pre-nominate candidates for the OSCARS®.

Organização



Financiamento



Parceria estratégica



Coprodução



Coprodução Passagens



Descobrir o som... na Culturgest

Conheça o que o público não vê na montagem de exposições e espetáculos



© Mana

Grande Auditório e Sala de Montagens de Exposições · 15h e 17h · Dur. 1h15
5€ (menores de 30, maiores de 65 e desempregados: 2,50€) · Lotação: 30 participantes · M6

O percurso a fazer na visita é acessível a pessoas com mobilidade reduzida.

Nos bastidores da Culturgest existe um mundo mágico e desconhecido. Para a montagem dos espetáculos e das exposições são necessárias semanas de preparação, o envolvimento de muitos profissionais e uma logística complexa. Tudo se passa em espaços a que o público normalmente não tem acesso, usando equipamentos sofisticados.

Desde 2014 que ocasionalmente abrimos as portas deste mundo para que todos possam conhecer a sala de montagem das galerias, o palco do Grande Auditório e os camarins, ficando com uma visão geral como se montam as exposições e se fazem os espetáculos.

Em novembro passado quisemos ir um pouco mais longe. Aproveitando o mote do Ano Internacional da Luz, convidámos o público a uma visita temática sobre a iluminação. Esta abordagem focada numa área específica revelou-se muito cativante, permitindo um olhar diferente e mais aprofundado dos bastidores. Este ano iremos usar o mesmo modelo de visita, mas desta vez centrada no som.

Nas Galerias falaremos das obras sonoras, a forma como são montadas e os cuidados a ter na acústica dos espaços em que são expostas.

No palco do Grande Auditório poderá ouvir efeitos de distorção e de espacialização sonora, saber como é feita a captação e amplificação dos instrumentos e colocar-se em cena no lugar do artista.

Behind the scenes at Culturgest, there is a magical and unknown world. Putting on a show takes weeks of preparation, involving many professionals and complex logistics. Everything takes place in areas to which the public do not normally have access, with the use of sophisticated equipment. In November, we showed how the lighting is done; now we focus on sound and the care taken over acoustics. On the stage of the Main Auditorium, you can hear sound distortion and spatialisation effects, learning how the sound of instruments is captured and amplified, putting yourself in the musician's place.

Blind Cinema

Cinema Cego
de Britt Hatzius



Pequeno Auditório (lotação reduzida)
19h · Duração: 40 min · 12€ · Jovens até
30 anos e desempregados: 5€ · M14

Em português.

Direção, conceito Britt Hatzius **Dramaturgia** Ant Hampton
Filme Britt Hatzius, Simon Arazi **Produção do filme (filme, som)**
Boris Belay, Maxim, Anne Haaning, Dunkan Speakman **Conceção
técnica, assistência de produção (vendas, geringonças)** Maria
Koerkel, Gert Aertsen **Produtora criativa** Katja Timmerberg
Coprodução Vooruit, Beursschouwburg e Bronks **Estreia** 24 de
agosto de 2015, Forest Fringe, Filmhouse de Edimburgo

O público está vendado no escuro de uma sala de cinema. Atrás de cada fila de espectadores está uma fila de crianças que, em voz baixa, descrevem um filme que só elas conseguem ver. Acompanhadas pela banda-sonora (que não tem diálogo), as descrições sussurradas são uma tentativa frágil, fragmentária e por vezes esforçada mas corajosa por parte das crianças de atribuir sentido ao que veem no ecrã.

Baseado no método de audiodescrição, *Blind Cinema* é, enquanto acontecimento ao vivo, uma experiência em que o ato de ver um filme se torna um investimento partilhado: um ato colaborativo da imaginação entre crianças que veem e adultos vendados. É bem-vinda a noção de que tentar encontrar as palavras certas para descrever e tentar fixar as imagens criadas na mente será sempre uma aproximação. Dizer por palavras de modo a partilhar experiências implica uma luta, que parece estar mais próxima das crianças que estão em plena descoberta dos limites e potencialidades da linguagem.

Cada grupo de crianças verá o filme pela primeira vez. Assim, cada apresentação envolve um novo grupo de crianças de Lisboa com idades entre os 9 e os 11 anos.

Britt Hatzius trabalha com fotografia, vídeo, cinema e *performance*, explorando ideias em volta da linguagem, interpretação e o potencial para discrepâncias, ruturas, desvios e (in)comunicação.

In the darkness of a cinema space, the audience sits blindfolded. Behind each row of audience members is a row of children who in hushed voices describe a film only they can see. The whispered descriptions are a fragile, fragmentary and at times struggling but courageous attempt by the children to make sense of what they see projected on the screen. Based on the method of audio description, *Blind Cinema* as a live event is an experience where the act of watching a film becomes a shared investment: A collaborative and imaginative act between seeing children and blinded adults.

The film will be seen by each group of children for the first time. Hence, each performance will involve a new group of local children aged between 9 and 11.

Mixed Feelings

de Rafael Alvarez



© Elisabeth Vieira Alvarez

Palco do Grande Auditório · 21h30
Duração: 1h · 12€ · Jovens até 30 anos
e desempregados: 5€ · M12

Na sexta-feira 11, após o espetáculo, haverá uma conversa com os artistas na Sala 1.

Direção artística, coreografia, cenário e figurinos Rafael Alvarez
Cocriação e interpretação Ana Rocha, Mariana Tengner Barros, Luigi Vescio, Youngjun Shin **Desenho de luz** Nuno Patinho
Produção EIRA **Parceria** BODYBUILDERS Associação Cultural
Coprodução Culturgest **Acolhimento audições** Companhia Instável (Porto), Le Carreau du Temple (Paris) **Apoio à divulgação** Centre National de la Danse, Pôle Emploi Spectacles Artistes (Paris) **Apoios** Pólo Cultural Gaivotas / Câmara Municipal de Lisboa, Teatro do Campo Alegre / Câmara Municipal do Porto, Maison du Portugal / Cité Internationale de Paris **Agradecimentos** Vitor Rosário, João Costa Espinho, A Bela Associação.

Mixed Feelings quer questionar o corpo do inimigo como se não houvesse guerra, pensar o distante como se não houvesse perto, pensar o diferente como se não houvesse igual, questionar um corpo em que a tristeza não tem fim (mas) a felicidade sim. Um misto de sentimentos desencontrados, mundos à parte, conflitos de interesse e rebeldes com causa. Utopias ou El Dorados? Índios e cowboys (os bons e os maus) dão corpo a uma dança de sentimentos desencontrados e impressões pouco claras, à beira do precipício e em parte incerta, entre a espada e a parede, em rendição e contra-ataque. *Mixed Feelings* propõe-se olhar um mundo, este mundo criado por nós. Pretende pensar a diversidade e a pluralidade, explorando alternativas possíveis e impossíveis contra os muros, que se erguem (ontem e hoje) e que persistem em nos empurrar, afastar e dissolver, uns contra os outros. O princípio da esperança é inversamente simétrico ao princípio da incerteza? O mundo é redondo, e move-se? Da esquerda para a direita? De norte para sul, ou de sul para norte?

Partimos do princípio que para mudar alguma coisa é preciso agir. Agiremos a partir do movimento, começando por mudar os corpos de um lado para o outro, arrastando connosco as imagens que não nos pertencendo, nos perseguem. Não temos certezas, mas temos convicções. Não temos razões, mas temos vontades. Não temos verdades, mas não nos afundamos na mentira.

A oeste nada de novo, viajamos para leste do paraíso.

Mixed Feelings seeks to question the enemy's body as if there were no war, think about distance as if there were no proximity, question a body where sadness is endless, but happiness isn't. Worlds apart, conflicts of interest and rebels with a cause, Indians and cowboys (good and bad) embodying a dance of unclear impressions, looking at a world created by us, thinking about diversity and plurality, exploring alternatives to the walls driving us into and against one another. To change, we must act, move our bodies from one side to another. With nothing new in the West, let's go East of Eden.

Comer a Língua

de Regina Guimarães



© Joana Castelo

Pequeno Auditório · 11h e 16h
Dur. 50 min · 3,50€ (preço único) · M6

Texto original Regina Guimarães Direção artística e encenação
Catarina Lacerda Direção plástica Ana Guedes Direção musical
Jorge Queijo Interpretação Susana Madeira Design gráfico
Susana Guiomar Produção executiva Inês Gregório / Pé de Cabra
Produção Teatro do Frio

Com texto original de Regina Guimarães, é um espetáculo dirigido a crianças a partir dos 7 anos e para toda a família, em que a língua portuguesa se mostra na sua complexidade, revelando a sua abertura a múltiplas influências culturais e a sua capacidade plástica de mutação. Uma língua pensante, cantante, língua viva. Uma língua para ouvir, dizer, cheirar e comer. Sentir e fazer sentir. Crescer e querer crescer.

*Língua é pano para mangas / Quem come chora por mais! /
Por palavra diferimos / De outras vozes animais. / E pelo gosto
da fala / É que a gente se faz gente, / Amando perdidamente /
Tudo quanto não nos cala.*

Regina Guimarães

Based on an original text written by Regina Guimarães, this show is intended for children aged 7 or over, as well as for the whole family. It shows the Portuguese language in all of its complexity, revealing its openness to multiple cultural influences and its capacity for adaptability and change. This is a thinking language, a singing language, a living language. A language to listen to, to speak with, to smell and to eat. To feel and to make other others feel. To grow with and to want to grow.

Comer a Língua foi criado a convite do Serviço Educativo de Guimarães 2012 - Capital Europeia da Cultura, em coprodução com o Teatro do Frio e o Serviço Educativo do Teatro Municipal Maria Matos.

Hamar Trio

Ciclo “Isto é Jazz?”

Comissário: Pedro Costa



Pequeno Auditório · 21h30
Duração: 1h · 5€ (preço único) · M6

Saxofone e clarinete Klaus Ellerhusen Holm
Contrabaixo Hernâni Faustino **Percussão** Nuno Morão

Algo que era inimaginável ainda há poucos anos tornou-se num fator habitual: o surgimento de grupos que juntam músicos nacionais a outros de proveniências distantes, e não propriamente para que os primeiros acompanhem quem vem de visita a Portugal. Regra geral, trata-se de formações que também gravam discos e tocam em outros países. Eis mais um caso assim, em estreia absoluta neste concerto. O Hamar Trio reúne o norueguês Klaus Ellerhusen Holm aos “nossos” Hernâni Faustino e Nuno Morão. O que têm os três de comum? A mesma, ou muito semelhante, visão do que é improvisar. E improvisar, para os ditos, é aquilo que Derek Bailey definia como uma «celebração do instante». Ou seja, algo em que cabe tudo o que é permitido pelo tipo de criatividade que se norteia apenas pela intuição e pela espontaneidade. Neste âmbito, é natural que o jazz esteja presente, mas a festa a que Bailey se referia no livro *Improvisation: Its Nature and Practice in Music* pode englobar também as conquistas que foram feitas ao longo do século XX e neste que há pouco teve início pela chamada música erudita, bem como por todo o património experimental reunido nas margens da música popular.

É esse amplo domínio que Holm tem percorrido, umas vezes mais inserido na tradição do jazz, quando se associa a músicos como Per Zanussi, Fredrik Rundqvist ou Mats Aleklint, e outras atirando-se a territórios menos, ou nada, desbravados, ao lado de Stian Westerhus, Xavier Charles, Jim Denley ou Axel Dorner. O que também caracteriza os seus parceiros portugueses. Conhecido, sobretudo, pelo trabalho que desenvolve com o Red Trio, Faustino não é outro senão um dos motores da extinta e mítica banda de rock alternativo K4 Quadrado Azul e um habitual colaborador dos psicadélicos Signs of the Silhouette. Elemento fundamental do JER Ensemble, que tem apresentado óperas tocadas com instrumentos de plástico, Morão está igualmente ativo como baterista de jazz, percussionista de música exploratória e teclista em contextos da pop inteligente. O que fizerem a três será o reflexo de todos esses investimentos.

Previously unimaginable, but now quite normal, Hamar Trio is yet another in the recent spate of groups combining Portuguese and foreign musicians (Norwegian Klaus Ellerhusen Holm with the Portuguese Hernâni Faustino and Nuno Morão). Playing together for the first time, they share the same view of improvisation, akin to Derek Bailey’s description of it as the “celebration of the moment” – creativity guided only by intuition and spontaneity. Their music is jazz, of course, but it also includes erudite music and the experimentation taking place on the fringes of popular music.

Hootenanny

Ciclo comissariado
por Ruben de Carvalho

A origem dos *blues* é difícil de traçar, como acontece com todas as músicas populares de tradição oral. Os registos documentais só se referem a uma fase avançada do seu crescimento.

Em todo o caso, há consenso entre os investigadores em afirmar que se trata de uma música criada por afro-americanos, escravos ou descendentes de escravos, oriundos da África Ocidental, em particular do povo Mandinga, que foram levados para o Sul dos Estados Unidos, junto ao Mississípi e à sua foz, para trabalhos agrícolas, como as grandes plantações de algodão.

Os *blues*, ainda que com raízes anteriores, desenvolveram-se no final do século XIX, já depois da abolição constitucional da escravatura nos EUA. A primeira partitura conhecida de uma canção que inclui a palavra *blues* no seu título data de 1908, uma composição de Antonio Maggio, *I Got The Blues*. O primeiro disco em que

aparece um *blues* é de 1920, gravado pela cantora negra de variedades Mammie Smith, que nele interpretava temas de Parry Bradford, também afro-americano, entre os quais *Crazy Blues*.

Expandindo-se primeiro para a zona de Chicago, acompanhando o movimento migratório dos negros depois da Guerra Civil, os *blues* vieram a dispersar-se por todo o mundo e foram, ou continuam a ser, uma das principais influências da música popular norte-americana, através do jazz ou do *rock and roll* e, por essa via, de certa música europeia.

Apesar dessa expansão, os *blues* mantêm uma individualidade que se pode descrever através de uma análise musical, caracterizando os acordes predominantes, os ritmos, a escala, com as célebres “blue notes”, os acordes, a estrutura melódica. O que não tem impedido a sua constante renovação.

Esta edição de Hootenanny, como as outras dedicadas aos

blues, é mais uma demonstração de que esta forma não se circunscreveu aos descendentes dos escravos. Há muito tempo que é criada, interpretada, e muito bem, por brancos e por músicos de fora dos EUA, incluindo do nosso país.

It is hard to trace the origin of the blues, but it is generally agreed that it was created by Afro-American slaves or their descendants, who worked on the plantations in the southern United States. Later it accompanied their migration to Chicago, spreading all over the world and, through jazz and rock and roll, having a major influence on American and European popular music. Yet the blues still maintains its individuality, with its famous “blue notes”, chords and melodic structure. This edition of Hootenanny seeks to show how it has become a genre played by everyone, including the Portuguese.

Ana Popovic

Grande Auditório · 21h30
Dur. 1h30 · 15€ · Jovens até 30 anos
e desempregados: 5€ · M6

Guitarra, voz Ana Popovic
Teclado, voz Michele Papadia
Saxofone Claudio Giovagnoli
Trompete Davide Ghidoni
Guitarra baixo, voz Ronald Jonker
Bateria, voz Stephane Avellaneda

O concerto de abertura do Hootenanny está a cargo de uma banda de origem europeia, o que poderá ser visto com estranheza por quem não esteja a par da carreira de Ana Popovic e do seu lugar no atual mundo dos *blues*.

Ana nasceu em Belgrado, na antiga Jugoslávia, em 1976, mas há anos que está instalada em Memphis, nos Estados Unidos. A sua carreira como guitarrista e cantora de *blues* começou no seu país natal e desenvolveu-se de início na Europa para rapidamente se estender aos EUA. Com 24 anos gravou, com a sua banda europeia, em Memphis, o primeiro CD, *Hush!*.

Ana toca intensamente por todo o mundo, nas melhores salas e festivais de *blues*, rock

ou jazz, tem recebido inúmeras distinções pela sua carreira e pelos álbuns que gravou, foi capa das revistas americanas de referência dedicadas ao *blues* ou à guitarra. Nomeada por cinco vezes, em diversas categorias e em diversos anos, para o Blues Music Awards – o mais prestigiante prémio deste género musical, instituído pela The Blues Foundation e que anualmente distingue os melhores do mundo – tem tocado com artistas de topo como Buddy Guy, Lucky Peterson, Tommy Sims, Taj Mahal, John Lee Hooker.

Com uma presença em palco incrível, é considerada “uma força irresistível no mundo dos *blues* contemporâneos”.

The opening concert in the Hootenanny programme will be performed by a European band led by Belgrade-born guitarist Ana Popovic, who began her career in Europe, but settled in the United States long ago, releasing her first CD, *Hush!*, in Memphis at the age of 24. Nominated five times for the Blues Music Awards, she has played at top venues all over the world, as well as with such musicians as Buddy Guy, Lucky Peterson, Tommy Sims, Taj Mahal and John Lee Hooker. A formidable live performer, she has been described as “an irresistible force in the world of contemporary blues”.



© Mark Goodman

Catfish Keith

Pequeno Auditório · 21h30
Duração: 1h30 · 6€ (preço único) · M6

Guitarra Catfish Keith

Catfish Keith nasceu em 1962 em East Chicago, Indiana. Na adolescência começou a tocar guitarra e *blues* do Delta do Mississípi, o berço desta música, e aos 22 anos saiu o seu primeiro disco a solo. Depois desse gravou mais 14. A música das Caraíbas, por onde viajou com frequência, influenciaram a sua forma de abordar os *blues*.

O seu nome artístico, Catfish (peixe-gato) foi-lhe dado por um companheiro de mergulho, nas Ilhas Virgens, que o apelidava de “Catfish-Swimmin’-Around”, e “Catfish-Steel-Guitar-Man”.

Toca guitarra acústica, canta, compõe. Tem uma longa e premiada carreira, com milhares de apresentações em digressões permanentes pelos Estados Unidos, Reino Unido (onde é muito popular) e resto da Europa, sendo presença regular nos mais reputados festivais de música. Atuou, ente

outros, com John Lee Hooker, Ray Charles, Robert Cray, Taj Mahal. Foi por duas vezes nomeado para os Blues Music Awards, o mais famoso prémio a que um músico de *blues* pode aspirar.

Ao lado da sua atividade enquanto músico e intérprete dedica-se também ao ensino, através de *workshops*, *master classes* e intervenções nas escolas, um pouco por todo o mundo.

Já o chamaram “o rei dos *blues* acústicos”. Fiel às raízes desta música, como todos o melhores reinventa-a num estilo muito próprio e inovador de uma rara beleza e vitalidade.



Born in East Chicago, Indiana, in 1962, Catfish Keith began playing Mississippi Delta blues guitar, recording his first solo album at the age of 22, since followed by another 14. His music is also influenced by the music of the Caribbean, which he visits often. Twice nominated for the Blues Music Awards, he plays acoustic guitar, sings and composes, being a regular presence at the world’s top music festivals. Besides his live performances, he also gives workshops and master classes in schools all over the world. Known as the “king of acoustic blues”, he has developed his own innovative style.

Serushio

Pequeno Auditório · 21h30
Duração: 1h30 · 6€ (preço único) · M6

Voz, guitarra elétrica,
lap steel Seru Guitarra elétrica,
bateria José Vieira

O guitarrista Sérgio Silva estudou durante cinco anos na Berklee College of Music, de Boston, uma escola superior de música de fama internacional. De volta ao Porto, sua terra natal, começa a delinear o projeto Serushio (Sérgio em japonês).

Em 2011 encontra o *bluesman* José Vieira, guitarrista e baterista, e do imediato entendimento entre ambos se concretiza o projeto desejado, gravando o seu primeiro registo, um EP/Demo, *Sights and Scenes. Boggie Song* (2014) é o primeiro trabalho de longa duração do duo e *I’m Not Lost... Just Don’t Want To Be Found* (2015), o segundo, uma edição em vinil. Espera-se um novo álbum ainda este ano.

Serushio, como Catfish Kate, tocam *blues* do Delta do Mississípi, mas com influência do rock britânico.

Em 2014 foi a única banda portuguesa no Canadian Music Week, um enorme festival que se espalha por Toronto. Tem feito longas digressões pelo nosso país, tocando, por exemplo, no Festival Paredes de Coura ou na Festa do Avante! de 2015.

Pela terceira vez o Hootenanny inclui uma banda portuguesa.

Guitarist Sérgio Silva studied at Berklee College of Music in Boston, later returning to his native Porto and beginning his project Serushio (Sérgio in Japanese). After meeting

guitarist and drummer José Vieira in 2011, their immediate understanding led to the full realisation of his project and together they recorded the album *Boogie Song* (2014). The duo Serushio play Mississippi Delta blues, but with a British rock influence. They played the Canadian Music Week in 2014, and the Paredes de Coura Festival and Festa do Avante! in 2015. They are the third Portuguese band to play at Hootenanny.



Carlos Bica & Azul com Frank Möbus e Jim Black



© Étienne Sievers

Grande Auditório 21h30
Dur. 1h15 · 15€ · Jovens até 30 anos
e desempregados: 5€ · M6

Contrabaixo Carlos Bica Guitarra Frank Möbus
Bateria Jim Black

Vinte anos passados desde a edição de *Azul*, o primeiro disco do trio de Carlos Bica com Frank Möbus e Jim Black, eis que o trio está de regresso, em disco com selo Clean Feed e no palco da Culturgest. Com a solidez de projeto que o tempo transcorrido foi urdindo, mas também com a frescura decorrente de todos os três músicos quererem ir mais longe, não se repetindo nem se contentando com o que já fizeram – e foi, como se pode imaginar, muito. Com os *Azul* de 2016 reconhecemos a identidade da escrita de Bica e do som construído por estes três mestres do jazz do século XXI, mas descobrimos algo mais, entre o que estava já anunciado nos álbuns anteriores e o que não esperávamos de todo...

Um exemplo do primeiro caso é *Silver Dagger*, arranjo de uma velha canção *folk* norte-americana em que se carrega na vertente *blues*, com *A Lã e a Neve* a representar o segundo da melhor maneira, irrompendo por uma malha de rock que a parceria composicional do contrabaixista com João Paulo Esteves da Silva não fazia supor. Quanto ao restante repertório, são muitas as vias percorridas, umas na linha meditativa e lírica que tanto define o “estilo” de Carlos Bica (*Na Rama do Alecrim*, tema do cante alentejano), outras com um balanço jovial e bem-humorado, como *Skeleton Dance*, e outras ainda explodindo em frescos de inaudita complexidade, a começar pelo contagiante *X.Y.U.*

Quando, ao sexto disco, e com tantos concertos de permeio, ainda nos conseguimos surpreender com a música de uma banda, temos motivo para celebração. Vinte anos depois, aí estão os *Azul* de Carlos Bica, melhores do que nunca.

Rui Eduardo Paes

Twenty years after the release of their first album *Azul*, the Carlos Bica trio (with Frank Möbus and Jim Black) are back, with a new-found freshness and wanting to go further. We can still recognise the identity of Bica’s writing and the sound of these three jazz masters of the 21st century, but there’s something more and completely unexpected... a remake of an old folk song with a blues feel, blues mixed with rock, meditative and lyrical music, jovial and good-humoured tunes and others exploding into frescoes of great complexity. Twenty years later, they can still surprise us. Better than ever.

Regresso ao Admirável Mundo Novo



© Marta de Menezes em colaboração com Luís Graça (UNICEL Group, Instituto de Medicina Molecular), projeto "Immortality for two".

Pequeno Auditório · 18h30

Entrada gratuita

Levantamento de senha de acesso 30 minutos antes da sessão, no limite dos lugares disponíveis. Máximo por pessoa: 2 senhas.

Esta conferência será transmitida no site www.culturgest.pt

Organização Fundação Francisco Manuel dos Santos

A Fundação Francisco Manuel dos Santos (FFMS) promoveu em 2015, na Casa da Música, um debate sobre "Um Admirável Mundo Novo", inspirando-se no título do famoso livro de Aldous Huxley.

Volta agora ao tema, em Lisboa, adotando o título do outro romance de Huxley, *Regresso ao Admirável Mundo Novo*.

Einstein disse: "Nunca penso no futuro, ele acaba sempre por chegar cedo". É por essa "pressa" que o futuro tem em chegar que devemos ter urgência em pensá-lo para, se possível, nos prepararmos para ele.

A partir do presente e dos sinais que ele nos dá, podemos antecipar o futuro? Em particular, quais serão as indústrias, as artes, os modos de vida que nos esperam? Será que da observação sobre as indústrias que maior criatividade hoje incorporam, sobre a conjugação que se está a fazer entre tecnologia e arte, ou sobre os novos estilos de vida que estão a surgir podemos retirar hipóteses sobre o futuro?

António Câmara, Professor na Universidade Nova de Lisboa, pioneiro na investigação da realidade virtual e aumentada, cofundador da YDreams, Marta de Menezes, artista que explora as potencialidades da biologia na arte, e Lino Fernandes, economista que durante anos liderou a Agência de Inovação, protagonizam o debate, que se estende ao público. Modera Pedro Magalhães, Diretor Científico da FFMS.

After debating the "Brave New World" in Porto in 2015, inspired by Aldous Huxley's famous book, Fundação Francisco Manuel dos Santos returns to the theme in Lisbon, under the title of Huxley's other book, *Brave New World Revisited*. Einstein said: "I never think about the future, it will come soon enough", but that is precisely why we urgently need to prepare ourselves. What industries, arts and ways of life await us, given the current conjugation of art and technology? Pedro Magalhães chairs a debate with university lecturer António Câmara, artist Marta de Menezes and economist Lino Fernandes.

Sicília, o canto da memória

Grande Auditório · 21h30
Dur. 1h10 · 15€ · Jovens até 30 anos
e desempregados: 5€ · M6

Canto, guitarra, saz, viola e harmónio Enzo Mancuso, Lorenzo Mancuso Viola Christophe Desjardins Percussão Andreu Rico

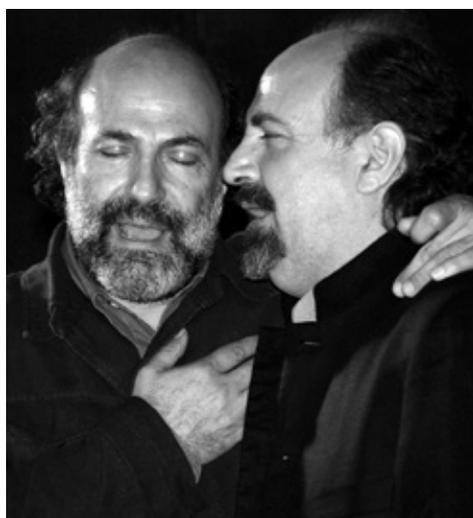
O violista Christophe Desjardins e os irmãos Mancuso convidam-nos para uma viagem pela memória do canto siciliano. Os dois irmãos, emigrantes em Inglaterra na década de 1970, onde trabalharam numa fábrica, foram, pouco a pouco, recompondo uma parte do repertório tradicional da terra onde nasceram a partir da memória e do imaginário deles próprios.

Pelo seu lado, Desjardins tornou-se no primeiro embaixador da obra-prima de Luciano Berio que é *Naturale, su melodie siciliane*, para viola, voz gravada de um cantor de rua de Palermo e percussão. Nesta obra, a música brota sobre temas sicilianos, mistura com naturalidade fontes populares e música erudita. Berio faz um enxerto musical no ramo da tradição popular: paráfrases, comentários, glosas, digressões livres, são como que estacas embebidas nesse ramo.

O espetáculo alterna canções tradicionais interpretadas pelos irmãos Mancuso, comentários musicais livres de Desjardins, composições de Berio e encontros entre todos os músicos irmanados na comum procura de uma Sicília sempre reinventada.

Desjardins é um violista com um extenso currículo, que estreou obras de famosos compositores contemporâneos como Berio, Boulez, Emmanuel Nunes, Rihm e muitos outros. Da sua extensa discografia constam numerosos registos premiados. Tem tocado várias vezes em Lisboa. Os irmãos Mancuso, depois de emigrarem, como se referiu, voltaram para Itália em 1981. Gravaram muitos discos, compõem para cinema e teatro, têm atuado por toda a Europa, pela América e o Japão, receberam várias distinções, tocaram com músicos italianos da craveira de Enrico Rava, Stefano Bollani, Ricardo Tesi, e outros. Andreu Rico, percussionista espanhol, estudou em Valência e Lisboa, é professor na Academia Metropolitana e colabora com todas as melhores orquestras portuguesas.

Viola player Christophe Desjardins and the Mancuso brothers take us on a journey through the memory of Sicilian song, alternating traditional songs with free musical commentaries by Desjardins, compositions by Luciano Berio and encounters that unite all the musicians in their search for a constantly reinvented Sicily. Award-winning Desjardins has played in Lisbon several times. After emigrating to England in the 1970s, the Mancuso brothers returned to Italy in 1981, recording for film and theatre. Andreu Rico, the Spanish percussionist has worked with all of the best Portuguese orchestras.



Enzo e Lorenzo Mancuso



Christophe Desjardins © Eric Besnier

manger

de Boris Charmatz



© Brotherton Lock, Tate, 2015

Garagem da Culturgest - 21h30
Duração: 1h · 18€ · Jovens até 30 anos
e desempregados: 5€ · M12

Neste espetáculo não há lugares sentados e o público pode deslocar-se no espaço cénico.

Coreografia Boris Charmatz **Interpretação** Or Avishay, Matthieu Barbin, Nuno Bizarro, Ashley Chen, Olga Dukhovnaya, Alina Bilokon, Julien Gallée-Ferré, Peggy Grelat-Dupont, Christophe Ives, Maud Le Pladec, Filipe Lourenço, Mark Lorimer, Mani Mungai, Marlène Saldana **Desenho de luz** Yves Godin **Som** Olivier Renouf **Materiais sonoros** The Kills, Animal Collective, Daniel Johnston, Aesop Rock, Sexy Sushi, Arcangelo Corelli, Ludwig van Beethoven, Josquin des Prez, Morton Feldman, György Ligeti **Texto** *Le bonhomme de merde* in *L'Enregistré*, Christophe Tarkos **Produção executiva** Sandra Neuveut, Martina Hochmuth, Amélie-Anne Chapelain **Produção** Musée de la danse / Centre chorégraphique national de Rennes et de Bretagne **Coprodução** Ruhrtriennale – International Festival of the Arts, Théâtre National de Bretagne-Rennes, Théâtre de la Ville et Festival d'Automne à Paris, steirischer herbst-Graz, Holland Festival-Amsterdam, Kunstenfestivaldesarts-Bruxelles, Künstlerhaus Mousonturm Frankfurt am Main

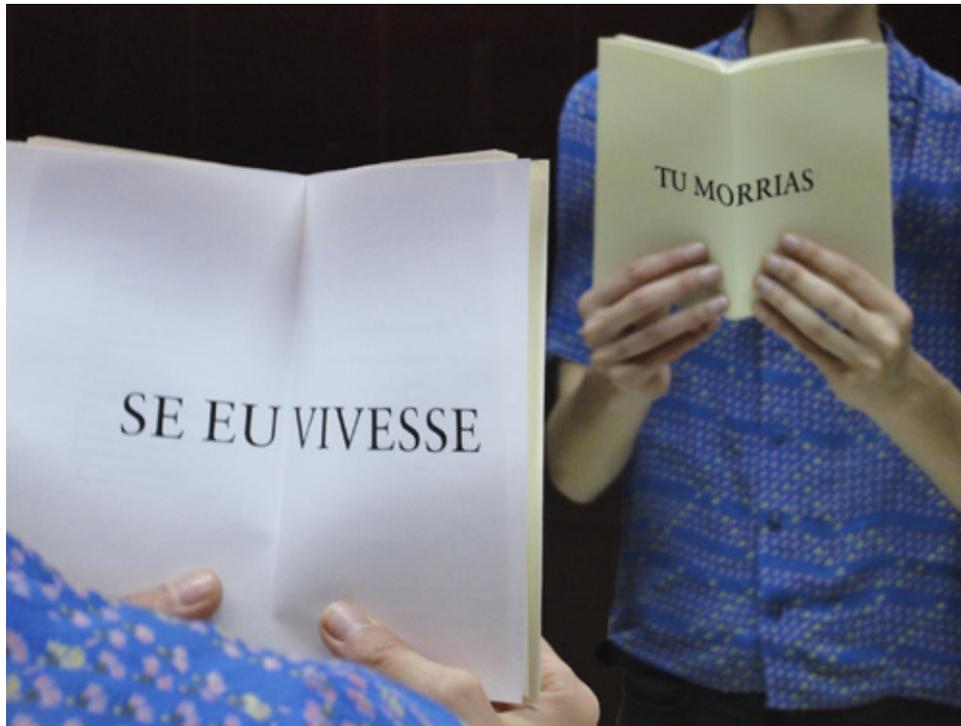
A dança inventou a anorexia. Os maratonistas comem enquanto correm. Os prisioneiros fazem greve da fome. O ritual da refeição tende a desaparecer. Uma criança come a dançar. Danço de boca cheia. Tu comes deitado. Ela dorme em pé. Digerimos as informações. Levantamos a mesa e as cadeiras e a toalha. Imaginamos uma espécie de repasto em movimento, comemos tudo, comemos de tudo, todo o tempo. Somos uma orquestra em movimento, autoalimentada. A longa cadeia alimentar passa aceleradamente de braço em braço, a comida desaparece finalmente nos corpos. Há sempre alguma coisa a aproveitar dos restos. O cenário torna-se invisível, foi lambido até desaparecer. Coreografia dos sucos. A coreografia das pessoas torna-se também na coreografia dos alimentos que atravessam o espaço e o corpo por dentro. O essencial desapareceu goela abaixo. Não queremos morrer sufocados. Engolimos a mensagem sem a ler. Engolimos a realidade. Digerimos os conflitos. Eles comem em sentido lato. A realidade devorada. Boris Charmatz, *Notas* (excertos)

Musée de la danse/Centre chorégraphique national de Rennes et de Bretagne – Direção Boris Charmatz. Associação subsidiada por: Ministère de la Culture et de la Communication (Direction Régionale des Affaires Culturelles, Bretagne), la Ville de Rennes, le Conseil régional de Bretagne e le Conseil général d'Ille-et-Vilaine. www.museedeladanse.org

Dance invented anorexia. Athletes eat and run. Prisoners go on hunger strike. Meal time rituals are disappearing. A child eats and dances. I dance with my mouth full, you eat lying down, she sleeps standing up. We digest information. Let's clear the table, imagine a repast in movement, eating everything. An orchestra in movement, feeding ourselves. People and food passing through the space and body. The essence is gulped down. We swallow the message without reading, swallow reality, digest conflict. They eat in a broad sense. Reality devoured.

Se eu vivesse tu morrias

de Miguel Castro Caldas



Palco do Grande Auditório · 21h30
(dom às 17h) · Duração prevista:
1h30 · 12€ · Jovens até 30 anos e
desempregados: 5€ · M16

Direção e texto Miguel Castro Caldas **Concepção** Miguel Castro Caldas, Lígia Soares e Filipe Pinto **Cenário e figurinos** Filipe Pinto **Cocriação e interpretação** Lígia Soares, Miguel Loureiro e Tiago Barbosa **Cocriação, som, vídeo, luz** Gonçalo Alegria **Pré-produção** Marta Raquel Fonseca **Produção executiva** Vânia Faria **Cocriação e assistência aos ensaios** Catarina Salomé Marques

O título deste espetáculo é tirado do famoso epitáfio de Robespierre: “Passante, não chores a minha morte, se eu vivesse tu morrias.” O passante e Robespierre não podem estar vivos ao mesmo tempo e no entanto é isso que os dramaturgos e os atores fazem *grosso modo* no teatro: o dramaturgo morre, e o ator ressuscita-o sem ele próprio morrer.

Tomemos alguém que lê um texto em voz alta, em público, de papel na mão: estamos a deparar-nos com a simultaneidade da sua presença e da sua não-presença (tanto do texto como do leitor). Com este espetáculo queremos evidenciar a não-presença, a fantasmagoria, o outro acontecimento que não é aquele que os atores costumam afirmar como o aqui e o agora. Pôr ainda mais o morto em cena. Não vamos convocar os mortos para a vida, vamos convocar-nos nós para lá. E para isso pedimos ajuda ao texto que nos leve nesta viagem de morte.

Página três; vamos começar.

Miguel Castro Caldas

Miguel Castro Caldas escreve para a cena e para o papel, traduz e dá aulas. Na Culturgest foram apresentadas as peças *Nunca-Terra, em vez de Peter Pan* (2005), *Repartição* (2008), *nós numa corda* (PANOS 2009) e *Diálogos* (PANOS 2015).

Robespierre's epitaph says: “Passerby, do not grieve my death because if I were living you'd be dead.” Robespierre and the passerby can't be both alive at the same time, but in the theatre that's what happens: the playwright dies and the living actor brings him back to life. Let's take someone reading a text aloud, in public, with a script in their hand: we find ourselves confronted simultaneously with their presence and non-presence. What we seek to highlight with this show is the non-presence, the phantasmagoria, the other event, which is not the one that actors usually establish as the here and now. We will put the dead on the stage, but even more so. We are not calling the dead back to life, we're calling ourselves over to the other side. And to do this, we seek help from the text, to take us on this journey of death. Page three; let's begin.

Uma nova sociedade

Mujer Klórica



Grande Auditório · 21h30
Dur. 1h20 · 20€ · Jovens até 30 anos
e desempregados: 5€ · M12

Cante flamenco Alicia Carrasco **Guitarra** José Manuel León
Baile Vanesa Aibar **Trompete** Audun Waage
Percussão Israel Katumba

Alicia Carrasco é uma *cantaora* autodidata com carreira firme, colaborações com artistas famosos como Isabel Pantoja ou Carmen Linares. Obteve o 2.º Prémio no concurso internacional de *world music Voice & Guitar*, em 2010, na Alemanha. Tem cantado por toda a Europa e nos Estados Unidos.

José Manuel León, músico e compositor, começou a tocar guitarra com 13 anos e gravou o seu primeiro disco em 2006, lançado na Bienal de Flamenco de Sevilha desse ano. Tem desenvolvido uma atividade intensa, multiplicando as suas colaborações, apresentando-se em festivais de flamenco dentro e fora de Espanha e em espetáculos por esse mundo fora.

Os dois formaram Mujer Klórica, um projeto que, respeitando as tradições flamencas e partindo delas, se preocupa com a realidade contemporânea e com o lugar que a mulher nela ocupa.

Com formações variadas, tem-se apresentado em digressão pela Europa e Estados Unidos. Aqui vem em quinteto, que tem a singularidade da presença de um trompetista, um instrumento estranho ao flamenco tradicional e que lhe dá um tom jazzístico. Flamenco e jazz são linguagens que se fundem no que se chama de flamenco-jazz. Não é este o caso.

O espetáculo, servindo-se de vários *palos* (estruturas rítmicas) flamencos, realça a relevância que a mulher tem tido na conservação da família como instituição social, através dos costumes e tradições que se encontram refletidos na música tradicional. Celebra a evolução que a presença da mulher na sociedade experimentou nos últimos 25 anos. E aponta para o futuro.

As letras das canções são projetadas no fundo do palco em espanhol, tornando-se claro como se integra nas formas flamencas tradicionais uma reflexão atual sobre problemas prementes da vida coletiva e sobre o lugar que a mulher nela ocupa ou deve ocupar.

Self-taught flamenco singer, Alicia Carrasco has worked with Isabel Pantoja and Carmen Linares; musician and composer José Manuel León began playing guitar at the age of 13, releasing his first album in 2006. Together, they form Mujer Klórica, a project that respects flamenco traditions, but is heavily concerned with contemporary reality and the role of women. Here they will be playing in a quintet with a trumpeter, bringing a jazz feel to the traditional flamenco with which they highlight the woman's part in conserving the family as a social institution, while also looking towards the future.

João Barradas Trio

Ciclo “Jazz +351”

Comissário: Pedro Costa



Pequeno Auditório · 21h30
Duração: 1h · 5€ (preço único) · M6

Acordeão João Barradas Contrabaixo André Rosinha
Bateria João Pereira

Considerado como um dos mais importantes acordeonistas do mundo na atualidade, e levando o seu instrumento para contextos em que habitualmente este não é ouvido, João Barradas tem-se interessado muito particularmente pelo jazz, neste domínio revelando-se mesmo como um improvisador de capacidades fora do vulgar. O seu trio com André Rosinha e João Lopes Pereira enraíza-se fortemente na tradição do *bop* e do *hard bop*, mas as composições do jovem músico concedem a esse figurino um elevado grau de imaginação, frescura e até excentricidade, que passa pela introdução de melodias da Europa Central e de um enlevo rítmico que lembra vagamente o tango *savant* de Astor Piazzolla. O espectro tímbrico da música do grupo amplia-se consideravelmente quando utiliza o acordeão MIDI, ora surgindo, por exemplo, o som de um piano elétrico Fender Rhodes ou determinada peça ganhando uma dimensão orquestral. E se se torna evidente que as abordagens são virtuosísticas, por vezes até raiando o inacreditável, tudo é colocado ao serviço da própria música.

One of the world's leading accordion players, João Barradas is known for taking his instrument into uncharted territory, above all jazz, where he shows an unusual capacity for improvisation. His trio with André Rosinha and João Lopes Pereira has a clear preference for *bop* and *hard bop*, but his compositions add to this extra imagination, freshness and even eccentricity, introducing melodies from Central Europe and rhythms reminiscent of Astor Piazzolla's *savant* tango. The trio's music has taken on an orchestral dimension, with virtuoso playing that produces sounds bordering on the incredible.

CINANIMA



Cartaz do festival © João Machado

Grande Auditório · 17h

Entrada gratuita · M12

Levantamento de senha de acesso 30 minutos antes da sessão, no limite dos lugares disponíveis. Máximo por pessoa: 2 senhas.

O CINANIMA – Festival Internacional de Cinema de Animação é o mais importante festival de cinema de animação português. Realiza-se em Espinho desde 1976, tendo este ano a sua 40.^a edição, o que o torna um dos mais antigos festivais deste tipo de cinema em todo o mundo. É organizado pela Cooperativa NASCENTE e pela Câmara de Espinho. O Festival tem uma Secção Competitiva (Competição Internacional e Competição Nacional) e uma Secção Não-Competitiva (Retrospectivas, Sessões para Escolas, Programas de Autor).

A Competição Internacional abrange as categorias de Curtas-metragens e Longas-metragens. Da Competição das Curtas-metragens fazem parte duas subcategorias, nomeadamente Filme de Fim de Estudos e/ou Filme de Escola e Publicidade e Informação. Na Competição Nacional há dois concursos: Prémio António Gaio, para o melhor filme português em competição e Prémio Jovem Cineasta Português. Para além do Grande Prémio CINANIMA 2016 e do Prémio Especial do Júri CINANIMA 2016, são ainda atribuídos Prémios às várias subcategorias em competição.

À semelhança do que vem acontecendo desde há anos, a Culturgest tem o prazer de se associar ao CINANIMA projetando uma seleção de filmes premiados, feita pela organização do Festival.

CINANIMA – the International Animation Film Festival – is Portugal’s leading festival in this field. It has been held in Espinho since 1976, making it one of the world’s longest-running animation festivals. There are non-competitive sections, plus two main competition sections. The international section covers short and feature-length films, school films and or graduation films, advertising and information; the Portuguese section chooses the best Portuguese film in competition and the Best Young Portuguese Director. There are also several other competition sections. Culturgest will be showing a selection of award-winning films chosen by the organizers.



Exposições

Belén Uriel

segunda-feira



Fotografia © Teresa Santos / Pedro Tropa

Galeria 1

2€ · Entrada gratuita aos domingos

Curadoria Miguel Wandschneider

Belén Uriel (Madrid, 1974) licenciou-se na Faculdade de Belas Artes da Universidade Complutense de Madrid e fez o mestrado de belas artes no Chelsea College of Art and Design, em Londres, cidade onde viveu e desenvolveu o seu trabalho entre setembro de 2003 e julho de 2008. Nos últimos oito anos, tem vivido e trabalhado a maior parte do tempo em Lisboa, com estadias intercalares em Londres. Duas exposições individuais em Lisboa deram a ver o trabalho de uma artista chegada à maturidade e com uma rara sensibilidade para a escultura: *Pedra, papel e tesoura*, no Pavilhão Branco do Museu da Cidade, entre março e maio de 2013; e *Lama no sapato*, no Parkour, durante três dias de novembro de 2014. As obras aí mostradas, bem como as obras recentes que integram a sua exposição recente no Museu de Wiesbaden, na Alemanha, revelam um léxico e uma sintaxe perfeitamente consolidados, grande rigor e subtileza na manipulação dos materiais, na construção de formas e superfícies, na definição de dimensões e escalas. As obras de Belén Uriel estão frequentemente indexadas a objetos reais (por exemplo, elementos de arquitetura ou de mobiliário), transformando-os, de forma tão radical quanto subtil, pelos meios e processos da escultura (da arte). Combinando trabalho já mostrado noutras circunstâncias com trabalho recente e inédito, a exposição na Culturgest recobre a prática artística de Belén Uriel nos últimos anos, na sua fase mais produtiva e entusiasmante.

Belén Uriel (Madrid, 1974) took a master's degree in Fine Art at Chelsea College of Art and Design, in London, where she lived and developed her work between September 2003 and July 2008. Two solo exhibitions in Lisbon have made it very clear that Belén Uriel is an artist who has already reached full maturity and displays a rare sensibility for sculpture: *Stone, Paper, Scissors*, held in the White Pavilion of the Museu da Cidade, in Spring 2013; and *Mud on the Shoe*, at Parkour, in November 2014. The works shown there, as well as the recent works included in her recent exhibition at the Museum Wiesbaden, in Germany, reveal a perfectly consolidated lexicon and syntax, great rigour and subtlety in the manipulation of materials, the construction of forms and surfaces, and the definition of dimensions and scales. The works are frequently indexed to real objects (for example, elements from architecture or furniture), transforming them in a way that is both radical and subtle, through the means and processes of sculpture (of art). The exhibition at Culturgest revisits the artistic practice of Belén Uriel over the last few years, in her most productive phase, combining work that has already been shown in other circumstances with her more recent and previously unexhibited pieces.

Visitas guiadas por
Miguel Wandschneider

Sábados, 10 e 24 setembro, 18h

Dorota Jurczak



Galeria 2

2€ · Entrada gratuita aos domingos

Curadoria Miguel Wandschneider

Até ter exposto na Galeria Piktogram, em Varsóvia, no outono de 2015, Dorota Jurczak (Varsóvia, 1978) permaneceu uma artista desconhecida no seu país de origem. Ela tem vivido, trabalhado e exposto fora da Polónia desde 1999, quando se mudou para Hamburgo com o objetivo de estudar na Hochschule für bildende Künste, onde fez uso intensivo do ateliê de gravura. Desde muito cedo, Dorota Jurczak tem vindo a utilizar e a expandir um repertório muito particular de motivos, tais como pássaros, penas de pássaros, velas e o fumo que delas se desprende, cigarros, excrementos, seres com múltiplas cabeças (evocando por vezes o arquétipo de Medusa), o perfil de uma cabeça com duas faces, ou fósforos. Com esses e outros elementos a artista compõe uma galeria de retratos insólitos ou enigmáticos, por exemplo, de criaturas animais que parecem o resultado de mutações genéticas e de figuras compósitas entre o humano e o animal, ou entre o humano e o inanimado. Algumas obras representam situações funestas e macabras, uma espécie de teatro da crueldade, regido pelas leis da violência e da dominação sobre outras espécies. Ao longo dos anos, observa-se no seu trabalho quer um crescente apaziguamento da sua iconografia e do seu imaginário sempre intrigantes, quer uma crescente depuração em termos formais e expressivos.

Until her solo exhibition at the Piktogram Gallery, in Warsaw, in autumn 2015, the work of Dorota Jurczak (Warsaw, 1978) was still practically unknown in her country of origin. The artist has lived, worked and exhibited outside Poland since 1999, when she moved to Hamburg in order to study at the Hochschule für bildende Künste, where she made extensive use of the engraving studio. Over the years, Dorota Jurczak has gradually come to use, and expand upon, a repertoire of motifs, such as birds, feathers, candles and the smoke rising from them, cigarettes, excrement, beings with multiple heads (sometimes evoking the archetype of Medusa), the profile of a head with two faces, or matches. By using these elements, the artist composes a gallery of unusual or enigmatic portraits: for example, those of animal creatures that seem to be the result of genetic mutations and composite figures that lie somewhere between human and animal, or between human and inanimate. Some of these works depict mournful and macabre situations, a kind of theatre of cruelty, ruled by the laws of violence and dominance over other species. Over the years, however, one can note in her work both a greater pacification of her always intriguing iconography and imaginary and a greater refinement in formal and expressive terms.

Visitas guiadas por
Miguel Wandschneider

Sábados, 10 e 24 setembro, 17h

Isidoro Valcárcel Medina

Grafismos de fronteira



Desenho feito a partir dos modelos utilizados na obra *Exterior/Interior*, 2016

Galeria 1

2€ · Bilhete único para as exposições
Entrada gratuita aos domingos

Inauguração:
sexta-feira, 28 de outubro, 22h

Curadoria Miguel Wandschneider

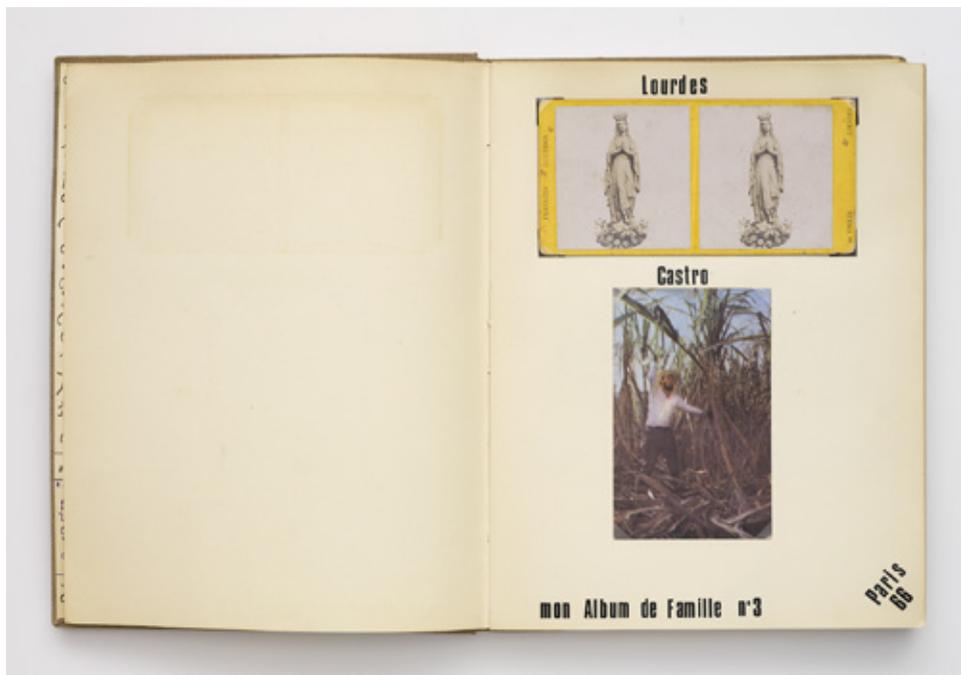
Em 2002, Isidoro Valcárcel Medina (Murcia, 1937) mostrou na Fundació Tapiès, em Barcelona, um arquivo composto por 18.000 fichas que levava ao paroxismo a ideia de retrospectiva como certidão de óbito do artista – era literalmente um monumento fúnebre ao seu trabalho. Em 2006, ele realizou, no contexto de uma exposição da Coleção do Museu de Arte Contemporânea de Barcelona, uma obra impossível de ser colecionada: pintou de branco uma enorme parede branca, usando para esse fim um pincel muito fino, e fazendo-se pagar por esse trabalho como um comum pintor de paredes. Em 2009, durante três meses, o artista propôs ao visitante do Museo Reina Sofía, em Madrid, uma visita guiada áudio à exposição da respetiva coleção que se alheava dos critérios discursivos e de valor estabelecidos pela instituição. Estes são apenas alguns exemplos da atitude crítica de Isidoro Valcárcel Medina relativamente às convenções que regem a produção, a distribuição e a apresentação da arte. Uma atitude crítica que se manifesta numa apropriação desviante de convenções sociais e culturais, respeitando as suas regras formais, mas subvertendo o seu conteúdo e sentido. O que está em causa na atitude serenamente insubordinada de Isidoro Valcárcel Medina, em última instância, é a questão do indivíduo enquanto sujeito emancipado. Para esta exposição na Culturgest, ele concebeu um conjunto de obras que questionam a fronteira, mais concretamente a fronteira geográfica entre Portugal e Espanha, como construção política e cultural que nos constitui enquanto indivíduos.

At the core of the work of Isidoro Valcárcel Medina (Murcia, 1937) lies a critical stance towards the conventions that normally govern the production, distribution and presentation of art. This critical attitude is expressed in a deviant appropriation of social and cultural conventions that, while respecting their formal rules, at the same time subverts their content and meaning. Ultimately, what is at stake in Isidoro Valcárcel Medina's serenely insubordinate attitude is the question of the individual as an emancipated subject. For this exhibition at Culturgest, he has conceived a series of works that question the notion of the border, more precisely the geographical border between Portugal and Spain, as a political and cultural construct that shapes us as individuals.

Consulte as atividades do
Serviço Educativo em torno
da exposição na pág. 106
deste programa.

Lourdes Castro

Álbum de Família



Terceiro volume do *Álbum de Família*, Paris, 1966 · Fotografia: Filipe Braga, © Fundação de Serralves, Porto

Curadoria Miguel Wandschneider

Galeria 1

2€ · Bilhete único para as exposições
Entrada gratuita aos domingos

Inauguração:
sexta-feira, 28 de outubro, 22h

O trabalho de Lourdes Castro (Funchal, 1930) é bem conhecido em Portugal, tendo sido objeto de duas exposições retrospectivas, a primeira na Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa, em 1992, a segunda – partilhada com Manuel Zimbro, seu companheiro de vida e de trabalho – no Museu de Arte Contemporânea de Serralves, no Porto, em 2010. No ano passado, novamente na Fundação Calouste Gulbenkian, foi possível descobrir os muitos livros que a artista produziu desde a década de 1950. É chegada a altura de mergulhar no seu *Álbum de Família*, um conjunto de cadernos, atualmente em número de trinta e seis, que desde 1963 a artista tem vindo a preencher, sem comentários, com imagens e textos das mais diversas origens, tomando como *leitmotiv* aquele que tem sido o motivo de quase todo o seu trabalho desde aquela altura: a sombra. Nesta exposição o *Álbum de Família* vai ser desfolhado página a página.

The work of Lourdes Castro (Funchal, 1930) is well-known in Portugal, where she has enjoyed two major retrospective exhibitions, the first at the Calouste Gulbenkian Foundation in Lisbon, in 1992, and the second, which she shared with her life and work partner Manuel Zimbro, at the Serralves Museum of Contemporary Art in Porto, in 2010. Last year offered us the chance to discover the many books that the artist has produced since the 1950s, once again at the Calouste Gulbenkian Foundation. The time has now come to browse through her *Family Album*, a set of books, currently numbering thirty-six, which since 1963 the artist has been filling with images and texts from the most diverse origins, taking as her leitmotif what has been the theme of almost all her work since then: the shadow. At this exhibition, her *Family Album* will be opened page by page.

Consulte as atividades do Serviço Educativo em torno da exposição na pág. 107 deste programa.

Jef Cornelis

Obras para Televisão (1964-1997)



Jef Cornelis: Obras para Televisão (1964-1997), vista da exposição na Culturgest Porto, 2015 · Fotografia: Filipe Braga

Galeria 2

2€ · Entrada gratuita aos domingos

Inauguração:
sexta-feira, 28 de outubro, 22h

Curadoria Koen Brams

Depois da sua apresentação na Culturgest do Porto, a obra fílmica de Jef Cornelis (Antuérpia, 1941) pode agora ser vista e estudada em Lisboa. Entre 1963 e 1998, Jef Cornelis trabalhou como realizador para a televisão pública flamenga VRT. Ao longo desses 35 anos, Cornelis desenvolveu um impressionante corpo de trabalho, composto por mais de 200 filmes, em que aborda uma ampla gama de assuntos (artes visuais, literatura, teatro, arquitetura, urbanismo) e uma enorme variedade de questões sociais e filosófico-culturais. No âmbito de um enquadramento restritivo como era o da VRT, este autor investigou a fundo e desafiou o *medium* da televisão e o espaço público em geral. *Jef Cornelis – Obras para Televisão (1964-1997)* reúne mais de 70 filmes (legendados em inglês), que o espectador pode ver individualmente, consoante as suas escolhas. É posto à consulta um sítio de internet acerca da obra do cineasta. Numa brochura que acompanha esta retrospectiva, os filmes são apresentados, um a um, por ordem cronológica.

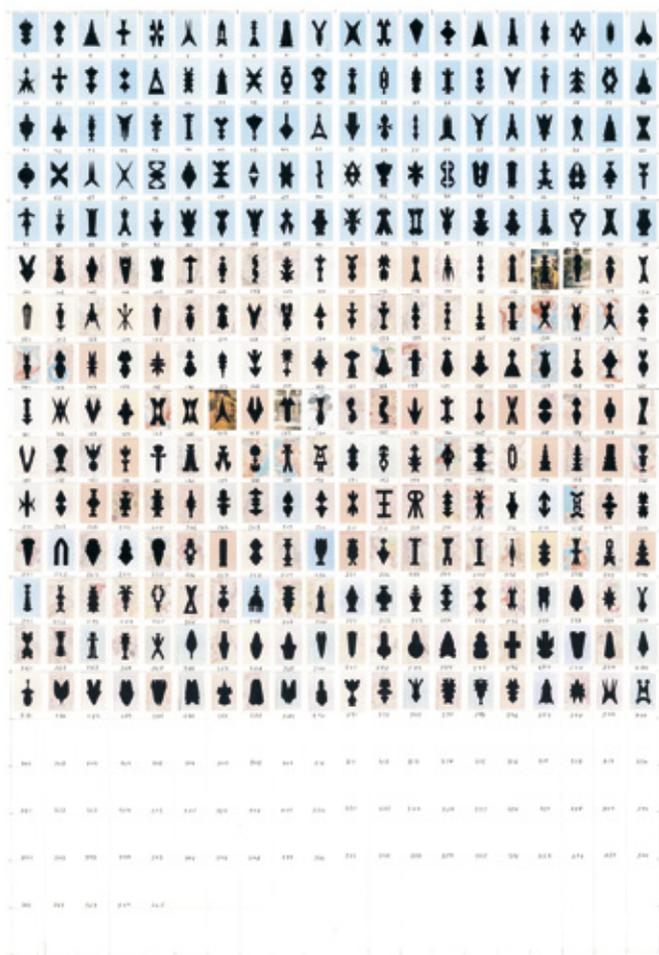
Jef Cornelis – Obras para Televisão (1964-1997) é uma coprodução com Argos, Centre for Art and Media.

After its presentation at Culturgest in Porto, the film work of Jef Cornelis (Antwerp, 1941) can now be viewed and studied in Lisbon. Between 1963 and 1998, Jef Cornelis worked as Director for the Flemish public broadcasting company VRT. In those 35 years, Cornelis accomplished an impressive body of work, composed of more than 200 films, dealing with an extraordinary broad range of subjects, such as visual arts, literature, theatre, architecture and urbanism, as well as a variety of social, cultural and philosophical issues. Within the restrictive framework of VRT, Cornelis succeeded in investigating and challenging the medium of television and the public sphere in general. *Jef Cornelis – TV Works (1964-1997)* comprises more than 70 films (with English subtitles), which can be watched individually. A website about the oeuvre of Cornelis can be consulted. Each film is properly introduced in a brochure which is chronologically ordered.

Jef Cornelis – TV works (1964-1997) is a coproduction with Argos, Centre for Art and Media.

Eduarda Rosa

As classificações sensíveis



Catálogo de *Trans Formas*, 2014-2015

CULTURGEST PORTO

Entrada gratuita

Curadoria Miguel Wandschneider

Eduarda Rosa (Caldas da Rainha, 1949) tem uma carreira artística atípica e ainda incipiente. Licenciada em farmácia, doutorada em química orgânica no Imperial College, em Londres, teve uma longa carreira docente na Faculdade de Farmácia da Universidade de Lisboa, a que pôs termo em 2005. Cinco anos antes, iniciou um período prolongado de formação artística, sobretudo na escola Ar.Co, que concluiu em 2012. Realizou a sua primeira exposição individual, *Trans Formas*, em novembro de 2014, no Espaço AZ, em Lisboa, a que se seguiu, um ano mais tarde, *GTF.des*, no Museu Geológico. Da sua formação académica e atividade profissional a artista herdou a disciplina de trabalho e uma nítida inclinação para a sistematização, que no seu processo criativo se conjugam com uma abordagem intuitiva a um mundo em constante expansão de formas (figuras), composições, cores e materiais. Durante dois anos, a artista inventariou, numa folha de papel, um conjunto de 365 figuras baseadas em formas preexistentes, encontradas em livros ou ao sabor das observações quotidianas, e que processa constantemente e de diversas maneiras em desenhos, colagens e esculturas. Algum do seu melhor trabalho consiste em desenhos-colagens em que uma dessas formas é preenchida por uma acumulação de pequenas figuras recortadas de livros antigos (dicionários e atlas, livros de zoologia, botânica ou medicina, entre outros), na sua maioria datados dos finais do século XIX e das primeiras décadas do século XX. Isso e muito mais pode ser visto nesta exposição.

Eduarda Rosa (Caldas da Rainha, 1949) has had an atypical artistic career. A graduate in Pharmacy, with a PhD in Organic Chemistry from Imperial College, London, she enjoyed a long teaching career at the Faculty of Pharmacy of the University of Lisbon, which she brought to a close in 2005. Five years earlier, she had embarked on a prolonged period of artistic training, above all at the Ar.Co school, which she completed in 2012. She subsequently held her first individual exhibition, *Trans Formas*, in November 2014, at Espaço AZ, in Lisbon, followed a year later by *GTF.des*, at the Museu Geológico. From her academic training and professional activity, the artist had inherited the discipline of concentrated work and a clear inclination towards systematisation, which, in her creative process, are combined with an intuitive approach to a constantly expanding world of forms (figures), compositions, colours and materials. Some of her best work consists of drawings-collages in which a certain form is filled with an accumulation of small figures cut out of old books (dictionaries and atlases, and books on zoology, botany or medicine, among others), mostly dating from the late nineteenth century and the early decades of the twentieth century. This and so much more can be seen at this exhibition.

Dorota Jurczak

~.{}~



Octoptak (Polvo-pássaro), 2009 · Imagem cortesia Corvi-Mora, Londres

CULTURGEST PORTO

Entrada gratuita

Inauguração:
sexta-feira, 14 de outubro, 22h

Curadoria Miguel Wandschneider

Esta exposição é um *remake* daquela que durante o verão deu a conhecer em Lisboa a obra excêntrica e fascinante de Dorota Jurczak (Varsóvia, 1978). Até ter exposto na Galeria Piktogram, em Varsóvia, no outono de 2015, Dorota Jurczak permaneceu uma artista desconhecida no seu país de origem. Ela tem vivido, trabalhado e exposto fora da Polónia desde 1999, quando se mudou para Hamburgo com o objetivo de estudar na Hochschule für bildende Künste, onde fez uso intensivo do ateliê de gravura. Desde muito cedo, Dorota Jurczak tem vindo a utilizar e a expandir um repertório muito particular de motivos, tais como pássaros, penas de pássaros, velas e o fumo que delas se desprende, cigarros, excrementos, seres com múltiplas cabeças (evocando por vezes o arquétipo de Medusa), o perfil de uma cabeça com duas faces, ou fósforos. Combinando esses elementos, a artista compõe uma galeria de retratos insólitos ou enigmáticos, por exemplo, de criaturas animais que parecem o resultado de mutações genéticas e de figuras compostas entre o humano e o animal, ou entre o humano e o inanimado. Algumas obras representam situações funestas e macabras, uma espécie de teatro da crueldade, regido pelas leis da violência e da dominação sobre outras espécies. Ao longo dos anos, observa-se no seu trabalho um crescente apaziguamento da sua iconografia e do seu imaginário sempre intrigantes, quer uma crescente depuração em termos formais e expressivos.

This exhibition is a remake of the one that during the summer introduced us to the eccentric and fascinating work of Dorota Jurczak (Warsaw, 1978). Until her solo exhibition at the Piktogram Gallery, in Warsaw, in autumn 2015, the work of Dorota Jurczak was still practically unknown in her country of origin. The artist has lived, worked and exhibited outside Poland since 1999. Over the years, Dorota Jurczak has gradually come to use, and expand upon, a repertoire of motifs, such as birds, feathers, candles and the smoke rising from them, cigarettes, excrement, beings with multiple heads (sometimes evoking the archetype of Medusa), the profile of a head with two faces, or matches. By combining these elements, the artist composes a gallery of unusual or enigmatic portraits: for example, those of animal creatures that seem to be the result of genetic mutations and composite figures that lie somewhere between human and animal, or between human and inanimate. Some of these works depict mournful and macabre situations, a kind of theatre of cruelty, ruled by the laws of violence and dominance over other species. Over the years, however, one can note in her work both a greater pacification of her always intriguing iconography and imaginary and a greater refinement in formal and expressive terms.

Palácio de Espanto

Em torno da Coleção
da Caixa Geral de Depósitos



Sérgio Carronha, *Sala de Tavira*, 2016 © Miguel Andrade

Museu Municipal de Tavira /
Palácio da Galeria

Museu Municipal de Tavira /
Palácio da Galeria

Calçada da Galeria
8800-306 Tavira
Tel. 281 320 540
Horário: de 3.ª feira a sábado
das 9h às 16h30
Encerra: domingo, 2.ª feira
e feriados

Entrada: 2€
Até aos 7 anos: gratuito
Dos 8 aos 18 anos, mais de 65
anos, estudantes: 1€

Curadoria Bruno Marchand Artista convidado Sérgio Carronha

Palácio de Espanto é a primeira de um ciclo de três exposições coletivas que partilham um mesmo tema, uma mesma estrutura e um mesmo objetivo. Partindo de uma seleção de peças da Coleção da Caixa Geral de Depósitos, estas exposições propõem-se acolher ainda obras inéditas de artistas convidados e artefactos provenientes dos espólios de cultura material das respetivas regiões anfitriãs. Com esta teia de encontros pretende-se não só confrontar a Coleção da CGD com objetos de outros universos e de outras idades, mas sobretudo restituir à arte algo que a atual profusão de imagens e o crescente pendor retórico dos discursos contemporâneos lhe vêm anulando: o seu pleno poder simbólico.

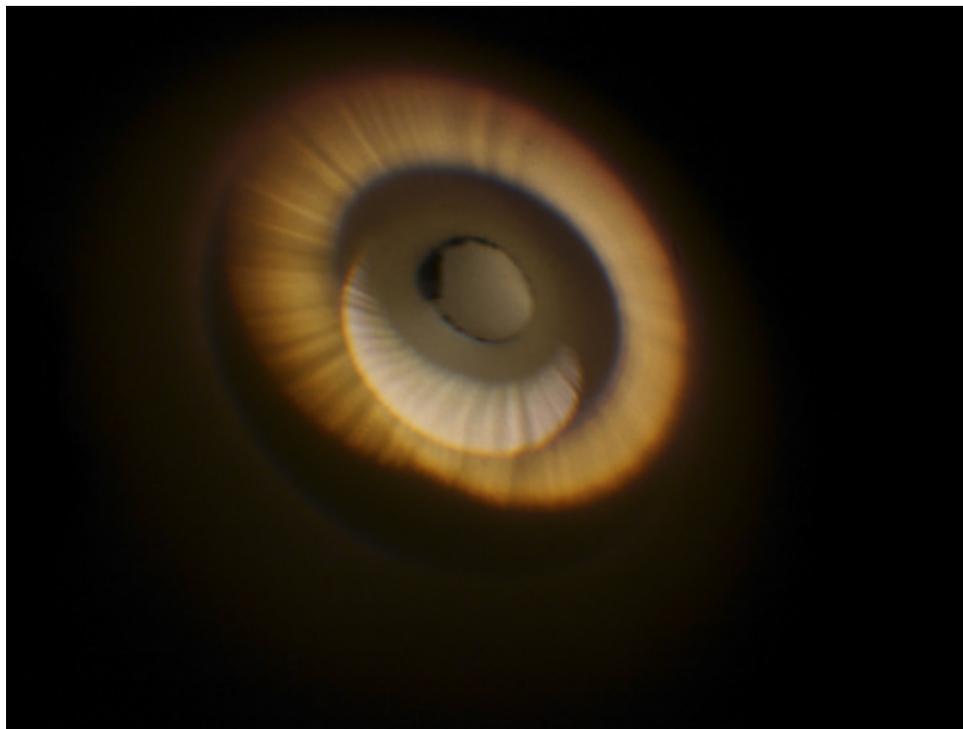
A noção de espanto que preside a este ciclo sublinha isso mesmo: a vontade de responder ao atual esgotamento da imagem através da recuperação do enigma do ícone, da reposição do instante mágico que faz do corpo da imagem o lugar de uma passagem para o transcendente. Por outro lado, ele sublinha também a vontade de contrapor à retórica vigente a dúvida e a estranheza, o irracional e a superstição, como meios para o culto de uma espécie de infra intelecto, morada da incerteza e da pulsão. Neste espaço de alternativa esperamos ver despontar o ambíguo e o inominável, esperamos assistir à formação de um território onírico, onde seja possível recuperar e preservar a centelha antiga da surpresa e do supra natural, a matéria de que é feita a expressão confusa, rara e irredutível de um *espanto*.

Bruno Marchand

Palácio de Espanto (Palace of Awe) is the first in a cycle of three group exhibitions that share the same theme, the same structure and the same objective. Starting with a selection of pieces from the Coleção da Caixa Geral de Depósitos, these exhibitions also incorporate other previously unseen works by guest artists, as well as artefacts originating from collections embodying the material culture of the respective host regions. In putting together this tangled web of encounters, the aim is not only to contrast the Coleção CGD with objects from other origins and ages, but to return to art something that has slowly been taken away from it by today's profusion of images and the increasingly rhetorical nature of contemporary discourses: its undeniable symbolic power. (Bruno Marchand)

Casa de Espanto

Em torno da Coleção
da Caixa Geral de Depósitos



Renato Ferrão. Sem título, 2016

Centro de Arte Contemporânea
Graça Morais

Inauguração:
Sábado, 29 de outubro, 15h

Centro de Arte
Contemporânea Graça
Morais, Bragança

Rua Abílio Beça, 105
5300-011 Bragança
Tel. 273 302 410

Horário: de 3.ª feira a domingo
10h-12h30 / 14h-18h30
Encerra: 2.ª feira e feriados

Entrada: 2€
Grupos organizados (mínimo
10 pessoas): 1€ por pessoa
Cartão jovem / cartão
estudante: 1€
Manhãs de domingo e crianças
até aos 10 anos: gratuito

Curadoria Bruno Marchand Artista convidado Renato Ferrão

Na sequência de *Palácio de Espanto*, inaugurada em Tavira no passado maio, *Casa de Espanto* volta a contrapor obras da Coleção da Caixa Geral de Depósitos a peças inéditas de artistas convidados e a artefactos provenientes dos espólios de cultura material da região anfitriã – neste caso, Trás-os-Montes. Para além de reincidir no confronto da Coleção da CGD com objetos de outros universos e de outras idades, esta segunda exposição reforça a vontade de criar condições para uma experiência artística muito menos interessada na função educativa ou informativa da arte do que nas suas valências simbólica, litúrgica, ou mesmo gregária.

Para esta segunda incursão no território do espanto e das suas constelações, contaremos com um conjunto de novas peças de Renato Ferrão (*Vila Nova de Famalicão*, 1975), nas quais a interação da luz com pequenos dispositivos escultóricos nos devolve imagens espectrais, como fantasmas, incertas na sua estaticidade, dúbias no seu conteúdo. A estas obras juntam-se ainda artefactos de uma região onde abundam lendas e fábulas, e cujos rituais pagãos nos deixam um legado material absolutamente ímpar. Da reunião de todos estes objetos esperamos ver surgir diálogos e contrastes, assistir ao despontar de uma tensão produtiva e desafiante, que facilite a imersão do espectador no espaço de desconcerto e intensidade de uma *Casa de Espanto*.

Following the *Palace of Awe* exhibition, inaugurated in Tavira last May, *House of Awe* again contrasts works from the Coleção da Caixa Geral de Depósitos with brand new pieces by guest artists and artefacts embodying the material culture of the host region – Trás-os-Montes. Confronting the CGD Collection with objects from other universes and other ages, this second exhibition is less concerned with the educational and informative function of art, focusing more on its symbolic, liturgical, or even gregarious aspects.

This second incursion into the territory of awe and its constellations includes a set of new pieces by Renato Ferrão (*Vila Nova de Famalicão*, 1975), in which the interaction of light with small sculptural devices offers us spectral, ghost-like images, uncertain in their staticness, dubious in their content. These are joined by artefacts from a region abounding in legends and fables, whose pagan rituals have bequeathed a unique legacy. By bringing all these objects together, we hope to see dialogues and contrasts appear, giving rise to a productive and challenging tension that facilitates the spectator's immersion in the intense and disconcerting space of a *House of Awe*.



Serviço Educativo

Crianças

- Comer a Língua 110
- O Banquete! Oficina filosófico teatral 111
- Mãos à obra! Oficinas de artes plásticas 113
- Férias de Natal na Culturgest 114
- Celebra o teu dia de anos com arte 115

Adultos e jovens

- Call for action Ciclo de jornadas 103
- Pedimos desculpa pelo incómodo causado... 104
- Arte contemporânea como inspiração para a sala de aula 105
- Isidoro Valcárcel Medina – Exposição 106
- Lourdes Castro – Exposição 107
- Aulas de arte contemporânea, à hora de almoço 108
- Sentidos da Imagem em Movimento 112

Famílias

- Isidoro Valcárcel Medina – Exposição 106
- Lourdes Castro – Exposição 107
- Comer a Língua 110
- O Banquete! Oficina filosófico teatral 111
- Mãos à obra! Oficinas de artes plásticas 113

Professores, educadores e outros mediadores

- Call for action Ciclo de jornadas 103
- Arte contemporânea como inspiração para a sala de aula 105
- Plano Nacional de Cinema 109
- Sentidos da Imagem em Movimento 112
- Mãos à obra! Oficinas de artes plásticas 113

Escolas

- A Culturgest na Escola: Serviço Educativo portátil 102
- Isidoro Valcárcel Medina – Exposição 106
- Lourdes Castro – Exposição 107
- Plano Nacional de Cinema 109
- Comer a Língua 110
- O Banquete! Oficina filosófico teatral 111
- Mãos à obra! Oficinas de artes plásticas 113



O Medo e a Coragem © Mana

A Culturgest na Escola: Serviço Educativo portátil

OFICINAS

Destinatários: escolas do pré-escolar ao ensino secundário de Lisboa

De setembro de 2016 a maio de 2017

Encontros quinzenais

9€/aluno (valor anual)

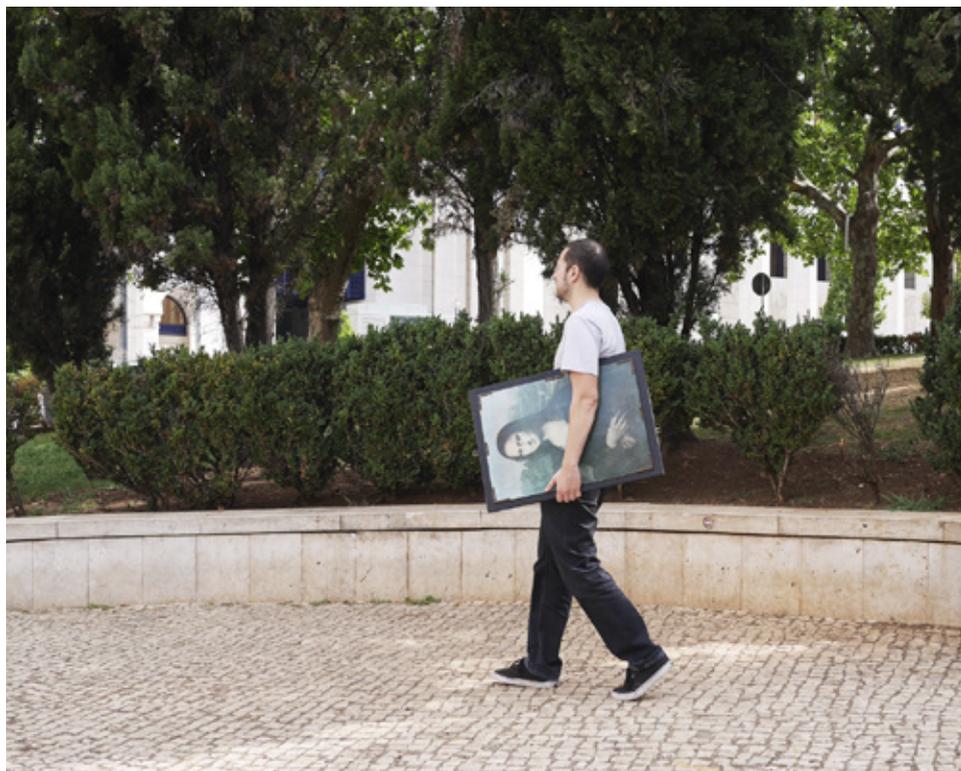
Inscrições abertas a partir de 1 de setembro

Lotação limitada a 15 turmas

Programa de atividades sobre arte contemporânea.

Programa anual que procura a expansão do Serviço Educativo da Culturgest de modo a facilitar o acesso a experiências artísticas disponíveis na sua programação, promovendo a literacia artística e o gosto pelas artes contemporâneas. Pretende ser um espaço privilegiado de relação entre a Arte Contemporânea e a Educação e tem como principal objetivo convocar as artes e implicá-las na vida dos alunos e dos professores.

Para mais informações, contacte o Serviço Educativo.



© Mana

Call for action Ciclo de jornadas: Envelhecimento, espaços culturais e arte contemporânea

ENCONTROS

Destinatários: investigadores, mediadores, professores e todos os interessados

Candidaturas abertas até 3 de outubro

Regulamento disponível em www.culturgest.pt/se

Organização Culturgest, IGOT, Instituto de História da Arte da Universidade Nova de Lisboa

Nos últimos anos a afluência aos museus portugueses mostra um duplo movimento: aumento e mutação dos seus visitantes. Pouco a pouco, a geografia e sociologia dos públicos dos museus evoluem, e a par destas os Museus tentam encontrar sinergias e estratégias de articulação a fim de dar resposta às novas solicitações. A nível europeu, uma metamorfose dos públicos, lenta mas bem real, está em curso, em particular atendendo ao envelhecimento demográfico.

Que representação detêm os seniores nos nossos museus? Que perfis e tipologias diferenciadas podem ser escrutinados? O que esperam da Cultura e da Arte nesta fase da vida? Que estratégias de ação podem ser aplicadas para tornar a presença dos “mais velhos” no Museu uma experiência mais marcante, participativa, vivencial e personalizada?

As jornadas Envelhecimento, espaços culturais e arte contemporânea prolongam-se por três anos e têm como tema *Perfil e motivações dos públicos sénior* (8 de março de 2016), *Mediação e Educação: Desafios, Agentes e Processos* (23 e 24 de março de 2017) e *Acesso à Cultura e Envelhecimento Ativo: Programação e Comunicação* (em 2018).

Os proponentes selecionados terão acesso a tutorias com oradores convidados. As propostas selecionadas serão apresentadas no segundo dia da conferência *Mediação e Educação: Desafios, Agentes e Processos* a 23 e 24 de março de 2017.

Inscrições e informações: culturgest.servicoeducativo@cgd.pt



© Mana

FCT
Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO

IGOT Instituto de Geografia e Ordenamento do Território
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

CEG
Centro de Estudos Geográficos

IH INSTITUTO DE HISTÓRIA DA ARTE

FCSH FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

Pedimos desculpa pelo incómodo causado: programa de jovens

ENCONTROS

Destinatários:
jovens dos 17 aos 21 anos

Duração: 2h30 cada sessão
Programa gratuito

Calendário das sessões
a combinar entre os
participantes

Ponto de encontro:
bilheteira da Culturgest

Inscrições:
de 12 a 28 de setembro

Programa destinado exclusivamente a jovens, das mais variadas áreas científicas e artísticas, socialmente ativos, com um ou mais interesses em comum, com conhecimentos para partilhar e vontade de aprender de forma livre, não remunerada, num projeto de continuidade e que requer sentido de compromisso.

Oferecemos:

- Conversas e formações semanais com membros do Serviço Educativo e outros artistas;
- Oportunidade de conhecer os bastidores de algumas atividades e espetáculos;
- Espaço para a promoção da discussão em torno de diferentes temas da atualidade artística;
- Acesso a algumas atividades do Serviço Educativo.

Para mais informações sobre inscrições e regulamento:
www.culturgest.pt/se



© Nádía Gomes

Arte contemporânea como inspiração para a sala de aula

CURSO

Destinatários: professores,
educadores, profissionais e
mediadores em museus, artistas

Sábados, 5 de novembro,
7 de janeiro, 4 de fevereiro,
4 de março e 1 de abril de 2017
Das 9h30 às 13h30
Sala 2 · 25€ por sessão

Marcação prévia
Mínimo: 15 participantes
Máximo: 80 participantes

Desconto de 15% na inscrição
em todas as sessões

Confere direito a certificado
de participação. Professores:
curso acreditado pelo CFAN
da Associação de Professores
de Expressão e Comunicação
Visual – APECV, com 1 crédito.
Informe-se junto do Serviço
Educativo.

Nestes encontros a arte já foi ferramenta, inspiração e recurso... Ao fim de várias edições todos os que aqui nos encontrámos sabemos que a arte é tudo isso e muito mais. Essencial à educação a arte é aqui também sinónimo de amor e de esperança através da reinvenção da escola, da educação e de nós próprios. Este é um curso organizado e orientado por professores e artistas com exemplos práticos retirados da sala de aula e com uma forte ligação aos nossos artistas contemporâneos.

Inscrições e programa completo em www.culturgest.pt/se



© Mana

Isidoro Valcárcel Medina – Exposição

VISITAS JOGO

Destinatários: escolas

Visita jogo Pré-escolar e 1.º ciclo
Visita de exploração visual e crítica.

Visita jogo 2.º e 3.º ciclos
Visita de exploração visual e crítica.

Galeria 1
Duração: 1h · 1€
Lotação: 45 participantes

VISITAS

Destinatários: adultos

Visitas gratuitas à hora de almoço
Quarta 30 de novembro, 13h10; Quinta 21 de dezembro, 12h10

Galeria 1
Duração: 45 minutos
Marcação prévia
Ponto de encontro:
bilheteira

Para mais informações
consulte as páginas 84 e 85.



© Mana

Lourdes Castro – Exposição

VISITAS JOGO / OFICINAS

Destinatários: escolas

Visita jogo Pré-escolar e 1.º ciclo
Duração: 1h · 1€ · Lotação: 45 participantes

Visita jogo 2.º e 3.º ciclos
Duração: 1h · 1€ · Lotação: 45 participantes

Visita jogo e oficina Do pré-escolar ao ensino secundário
Duração: 2h30 · 2,50€ · Lotação: 20 participantes

Palavras-chave: sombra, luz, sobreposição, sequência, álbum, livro de artista, encadernação, camadas, transparências, contorno, simplicidade

VISITAS

Destinatários: adultos

Visitas gratuitas à hora de almoço
Quarta 16 de novembro, 12h10; Quinta 15 de dezembro, 13h10

Galeria 1
Duração: 45 minutos
Marcação prévia
Ponto de encontro:
bilheteira

Para mais informações
consulte as páginas 86 e 87.



© Mana

Aulas de arte contemporânea, à hora de almoço

CURSO

Destinatários: adultos e jovens a partir dos 12 anos

Galerias 1 e 2 · 13h

Dur. 1h30 · 3€ por sessão

Mínimo: 10 participantes

Máximo: 25 participantes

Reservas

21 790 51 55

Desenho

Quintas 3, 10, 17 e 24 de novembro

Conceção e orientação Patrícia Freire

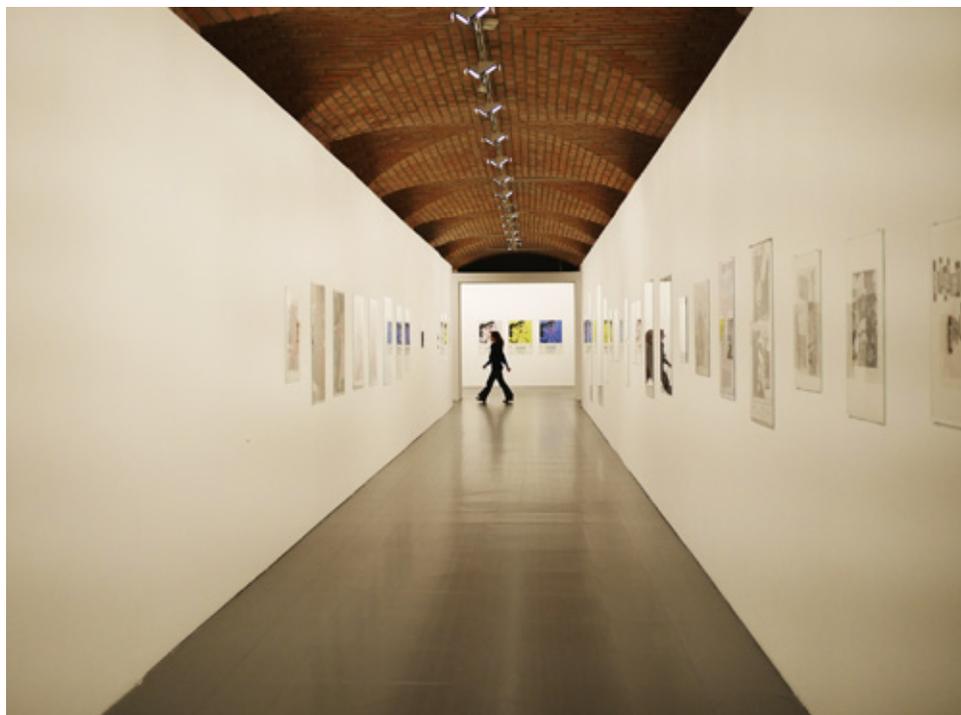
Como pode uma exposição despertar a expressão visual do observador?

Escrita criativa

Sextas 4, 11, 18 e 25 de novembro

Conceção e orientação Carlota Gonçalves

Um encontro com peças de arte torna-se o cenário privilegiado para exercícios expressivos de escrita. O participante é levado a captar ambientes, a expandir o olhar e transportá-lo para textos de variados estilos. O universo da exposição será objeto de apropriação, interpretação e reflexão, revelando motes que conduzem a possibilidades ficcionadas. Uma relação a descobrir, entre o visível e o dizível.



© Mana

Plano Nacional de Cinema

CINEMA

Destinatários: grupos organizados (do 1.º ciclo ao ensino secundário)

Pequeno Auditório



O Plano Nacional de Cinema tem como objetivo principal fazer chegar a linguagem cinematográfica ao maior número possível de jovens de forma a criar a ponte entre a atualidade e a herança que o cinema tem deixado ao longo da sua vida e que assume uma influência inegável no desenvolvimento de qualquer sociedade.

Este plano propõe-se promover a literacia na leitura e interpretação de imagens em movimento, por oposição à infindável produção de conteúdos com que somos confrontados diariamente, nos produtos criados pelos media e publicidade. Em simultâneo propõe-se aprofundar, junto de alunos e professores, a capacidade de interpretação de alguns filmes da cultura ocidental e refletir sobre a sua contribuição para o nosso desenvolvimento cultural, social e pessoal.

1.º ciclo 25 novembro, 10h30 · 2.º ciclo 2 novembro, 10h30
Ensino secundário 25 novembro, 14h30 · 29 novembro, 10h30

Consulte a lista dos filmes em www.culturgest.pt/se



© Mana

Comer a Língua

TEATRO

Destinatários: famílias e grupos escolares (maiores de 6 anos)

Famílias:

Sáb 12, dom 13 de novembro,
11h e 16h · 3,50€

Escolas:

Seg 14 de novembro,
10h30 e 14h30 · 2,50€

Pequeno Auditório

Duração: 50 min.

Reservas

Famílias: 21 790 51 55

Escolas: 21 761 90 78

Texto original Regina Guimarães **Direção artística e encenação**

Catarina Lacerda **Direção plástica** Ana Guedes

Direção musical Jorge Queijo **Interpretação** Susana Madeira

Design gráfico Susana Guiomar **Produção executiva** Inês

Gregório / Pé de Cabra **Produção** Teatro do Frio · Comer a Língua

foi criado a convite do Serviço Educativo de Guimarães 2012 – Capital Europeia da Cultura, em coprodução com o Teatro do Frio e o Serviço Educativo do Teatro Municipal Maria Matos.

Com texto original de Regina Guimarães, é um espetáculo dirigido a crianças a partir dos 7 anos e para toda a família, em que a língua portuguesa se mostra na sua complexidade, revelando a sua abertura a múltiplas influências culturais e a sua capacidade plástica de mutação. Uma língua pensante, cantante, língua viva. Uma língua para ouvir, dizer, cheirar e comer. Sentir e fazer sentir. Crescer e querer crescer.

Língua é pano para mangas: / Quem come chora por mais! / Por palavra diferimos / De outras vozes animais. / E pelo gosto da fala / É que a gente se faz gente, / Amando perdidamente / Tudo quanto não nos cala.

Regina Guimarães



© Joana Castelo

O Banquete! Oficina filosófico teatral

OFICINAS

Destinatários: famílias e escolas (maiores de 3 anos)

Famílias:

Sáb 12, dom 13 de novembro,
16h · Duração: 2h30 · 3,50€

Escolas:

Qui 10, sex 11 de novembro,
10h30 e 14h30 · Dur. 1h30
2,50€ (gratuito para acompanhantes) · Marcação prévia

Sala 6

Lotação: 60 participantes

Reservas

Famílias: 21 790 51 55

Escolas: 21 761 90 78

Conceção e orientação Joana Barros e Teresa Vaz

Partimos de várias questões que nos podem ser colocadas pelo livro *O Banquete* de Platão, sobretudo a questão do Belo: O que é o Belo? E, em contraponto, o que é o Feio? São questões que ainda fazem sentido colocar quando vemos uma obra de arte contemporânea? Cada um de nós (crianças, adultos e famílias) terá o seu ponto de vista sobre o Belo e o Feio de uma obra de arte e por sua vez da arte contemporânea em si. Desta maneira, pretendemos criar o nosso próprio banquete filosófico, onde o que nos alimenta é a arte contemporânea e mais precisamente o título do livro de Platão, que será uma das premissas para abrir o debate filosófico: “Do que é que achas que fala este livro?”



© Mana

Sentidos da Imagem em Movimento no âmbito do Plano Nacional de Cinema

CURSO

Destinatários: professores,
educadores, profissionais e
mediadores em museus, artistas

Coordenação Nuno Bernardo

Programa de formação no âmbito da literacia fílmica.
Esta edição centra-se na cinematografia portuguesa e seus
respetivos géneros.

Sáb 19 de novembro,
21 de janeiro, 18 de março
e 8 de abril de 2017
Das 9h às 17h

Curso acreditado para professores.

Inscrições e programa em www.culturgest.pt/se

Sala 2 · 35€ por sessão
Marcação prévia
Mínimo: 15 participantes
Máximo: 80 participantes

Desconto de 15% na inscrição
em todas as sessões



© Mana

Mãos à obra! Oficinas de artes plásticas

OFICINAS

Destinatários: famílias, professores
e escolas (maiores de 3 anos)

Conceção Patrícia Freire **Orientação** Patrícia Freire e convidados

Nestas oficinas de expressão plástica e artes visuais teremos a oportunidade de conhecer matérias, materiais, ferramentas e técnicas das artes plásticas que habitualmente – na escola ou em casa – não temos coragem de usar porque podem sujar, podem magoar ou não sabemos como fazer. Com orientação de Patrícia Freire e alguns convidados, estes encontros trimestrais servirão de mote a muitas experiências criativas que, ao mesmo tempo que nos divertem, fazem homenagem aos nossos artistas contemporâneos.

Famílias e professores:

Duração: 3h · 3,50€

Escolas:

Dur. 2h · 2,50€ (gratuito para
professores acompanhantes)

Marcação prévia

Mãos à obra: com tintas

Escolas Qua 23, qui 24 e sex 25 de novembro, 10h30 e 14h30

Professores Sáb 26 de novembro, 10h

Famílias Sáb 26 de novembro, 14h30

Sala 6

Lotação: 60 participantes

Reservas

Famílias: 21 790 51 55

Escolas: 21 761 90 78

Continua no próximo trimestre.



© Mana

Férias de Natal na Culturgest

OFICINAS

Destinatários: dos 6 aos 8 (frequência do 1.º ciclo) e dos 9 aos 12 anos

De seg 19 de dezembro
a sex 23 de dezembro
Manhãs: das 10h às 13h
Tardes: das 14h30 às 17h30

40€ (5 manhãs ou 5 tardes)
Marcação prévia
Lotação: 16 participantes

As oficinas que ocupam o dia inteiro têm disponível um serviço de acolhimento para as crianças que quiserem trazer almoço de casa.
2€ (valor diário)

Prolongamento de horário:
Manhãs: das 9h às 10h
Tardes: das 17h30 às 18h30
2€ (valor por prolongamento)

Desconto de 30% na inscrição do segundo filho ou para filhos de colaboradores da CGD (desconto incide sobre o menor valor e não é acumulável ou aplicável ao almoço e/ou prolongamento de horário). Desconto de 50% para filhos de desempregados.

Laboratórios de espetáculos em fase de criação

Propomos às crianças que contactem com os artistas que vão conceber e apresentar um dos espetáculos para famílias da nossa programação de janeiro a março de 2017.

Pangeia, de Tiago Cadete, Leonor Cabral e Bernardo Almeida
Lab / Pangeia tem como objetivo estimular o imaginário das crianças a partir de histórias universais dos irmãos Grimm como *O Rei Sapo*, *A Gata Borralheira*, *Rapunzel*, *O Capuchinho Vermelho* ou *A Bela Adormecida*. Com este exercício de memória coletiva as histórias são construídas sob os pontos de vista dos objetos. Eles são os protagonistas e a criança é estimulada a pensar o mesmo acontecimento sob várias perspetivas e a aperceber-se de que forma o seu olhar altera uma história que se habituou a ouvir

Inscrições e programa completo a partir do dia 13 de outubro em www.culturgest.pt/se



© Tiago Cadete

Celebra o teu dia de anos com arte

OFICINAS

Destinatários: dos 5 aos 12 anos

Duração: 2h30 · 170€
Lotação: 20 participantes

Qualquer atividade de festa de anos inclui:

- Oficina em sala com mesa para o lanche que os pais queiram trazer
- 1 artista orientador e 1 assistente
- Uma atividade para adultos na galeria. Duração: 1h30 (marcação prévia)

Reservas
21 761 90 78

Sem descontos

Oficinas práticas de expressões artísticas variadas

Num espírito lúdico e educativo, estas oficinas promovem o contacto com as artes, desenvolvem a criatividade e estimulam o pensamento divergente.

Existem várias atividades disponíveis. Solicite o programa através do e-mail culturgest.servicoeducativo@cgd.pt

Enquanto os mais novos se divertem...

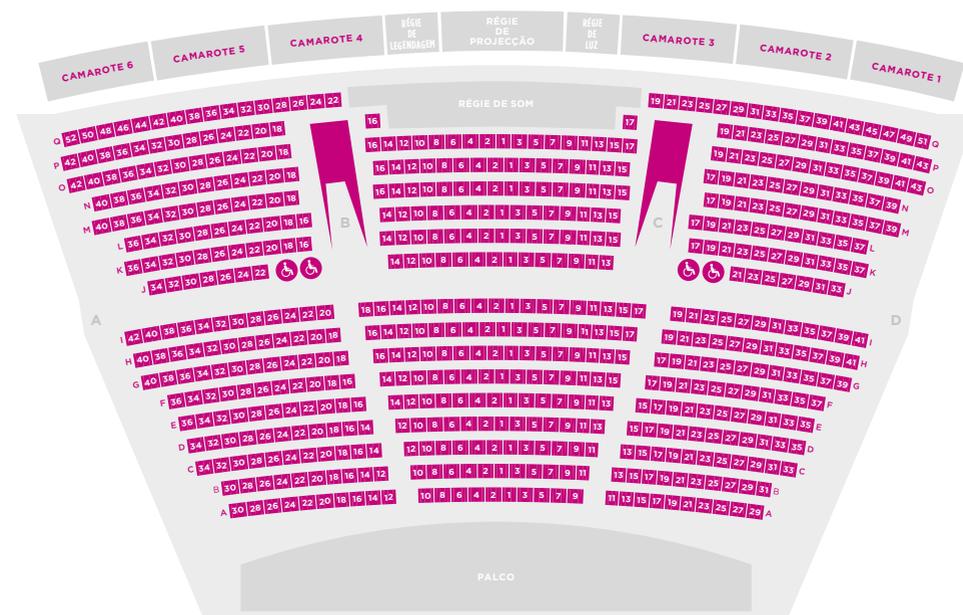
Convide os outros pais para uma atividade (gratuita) na galeria. A atividade termina um pouco antes do final da oficina das crianças.



© Mana

Entre setembro e dezembro, os colaboradores do Serviço Educativo são:

- Ana Nunes (teoria e filosofia da arte)
- Ana Teresa Magalhães (artista plástica)
- Bernardo Almeida (ator)
- Bruno Marques (teoria da arte)
- Carlota Gonçalves (escrita criativa)
- Catarina Lacerda (encenadora)
- Irina Raimundo (artista plástica)
- Isabel Trindade (APECV)
- Joana Barros (atriz)
- Joana Batel (teoria da arte)
- Joana Ratão (artista plástica)
- João Belo (produção)
- Leonor Cabral (atriz)
- Luísa Fonseca (apoio à produção)
- Mana (fotografia)
- Marta Félix (apoio à produção)
- Nuno Bernardo (realizador)
- Patrícia Carvalho (produção)
- Patrícia Freire (artista plástica)
- Patrícia Gomes (realizadora)
- Raquel Ribeiro dos Santos (coordenação)
- Sílvia Moreira (artista plástica)
- Susana Alves (artista educadora)
- Susana Madeira (atriz)
- Susana Pires (escrita criativa)
- Teresa Eça (APECV)
- Teresa Vaz (atriz e produção)
- Tiago Cadete (encenador)



Inscrições e informações

Telefone: 21 761 90 78 · E-mail: culturgest.servicoeducativo@cgd.pt
 Horário de atendimento telefónico: das 9h30 às 11h30 e das 16h às 17h

Grande Auditório

Galerias

Horário de funcionamento

De terça a sexta-feira das 11h às 18h (última admissão às 17h30).
Sábados, domingos e feriados, das 11h às 19h (última admissão às 18h30).
Encerram à segunda-feira.
Guias áudio disponíveis gratuitamente.

Aos domingos, a entrada nas galerias é gratuita.

Visitas escolares e de grupos

Consulte o programa do Serviço Educativo.

Bilheteiras

Horários de funcionamento

Bilheteira do átrio de entrada

De segunda a sexta-feira das 14h às 19h.
Em dias de espetáculo das 14h até à hora de início do mesmo.
Nos períodos em que não há exposições a bilheteira está aberta todos os dias das 11h às 19h.

Bilheteira das galerias

De terça a sexta-feira das 11h às 18h.
Sábados, domingos e feriados das 11h às 19h.
Encerra à segunda-feira e nos períodos em que não há exposições.

Em ambas as bilheteiras podem adquirir-se bilhetes para espetáculos e exposições.

Reservas

As reservas de bilhetes são, em regra, válidas por três dias. Os bilhetes têm sempre que ser levantados até 48 horas antes do espetáculo.

Durante o mês de agosto, a bilheteira do átrio de entrada estará encerrada.

As bilheteiras, as galerias e a livraria encerram nos dias 24 e 25 de dezembro e no dia 1 de janeiro de 2017.

Assinaturas

Podem ser adquiridas para 4 ou mais espetáculos, beneficiando de um desconto de 40%. São válidas no limite dos bilhetes disponíveis. As assinaturas possibilitam a entrada gratuita nas galerias.

Descontos

Exposições

30% a jovens até aos 25 anos, maiores de 65 anos, funcionários e reformados do Grupo Caixa Geral de Depósitos (até 2 bilhetes).
40% a titulares dos cartões **Caixa IU, ISIC** (International Student Identity Card) e **ITIC** (International Teacher Identity Card); titulares do cartão **Caixa Fã** que o utilizem como meio de pagamento (até 2 bilhetes).
Entrada gratuita a titulares do cartão **ICOM** e a jovens até aos 16 anos.
Entrada gratuita a funcionários e reformados da Caixa Geral de Depósitos (até 2 bilhetes).

Espectáculos

30% a maiores de 65 anos, profissionais do espetáculo, funcionários e reformados do Grupo Caixa Geral de Depósitos (até 2 bilhetes) e titulares dos cartões **Caixagold, Visabeira Exclusive, Caixa Woman, Caixa Drive e Caixa Leisure**, que os utilizem como meio de pagamento (até 2 bilhetes).
40% a titulares dos cartões **Caixa IU, ISIC** (International Student Identity Card) e **ITIC** (International Teacher Identity Card); titulares do cartão **Caixa Fã e Caixa Activa** que os utilizem como meio de pagamento (até 2 bilhetes).
50% a funcionários e reformados da Caixa Geral de Depósitos (até 2 bilhetes).

Jovens até aos 30 anos e desempregados: 5€ Preço único sem descontos.

Os descontos não são acumuláveis.

Livraria

Horário de funcionamento

De terça a sexta-feira, das 11h às 18h.
Sábados, domingos e feriados, das 11h às 19h.
Encerra à segunda-feira e nos períodos em que não há exposições.
Telefone: 21 790 51 55

Cafetaria

Horário de funcionamento

De segunda a sexta-feira, das 10h às 18h30.
Sábados, domingos e feriados, das 11h às 19h.
Nos dias de espetáculo, até à hora de início do mesmo.

Culturgest

Edifício Sede da Caixa Geral de Depósitos
Rua Arco do Cego n.º 50, 1000-300 Lisboa
Telefone: 21 790 54 54

Metro: Campo Pequeno
Autocarros: Campo Pequeno / Av. Berna 756*
Campo Pequeno / Av. República 727,* 736, 738, 744, 749,* 754,* 783; Praça Londres 722, 767
Av. Roma: 735, 767
*A carreira 756 só funciona ao sábado de manhã. Durante sábados, domingo e feriados as carreiras 727, 749 e 754 não servem a zona do Campo Pequeno.

Culturgest Porto

Horário de funcionamento

De segunda-feira a sábado, das 12h30 às 18h30. Encerra aos domingos e feriados.
Edifício Caixa Geral de Depósitos
Avenida dos Aliados n.º 104, 4000-065 Porto
Telefone: 22 209 81 16

Informações e reservas

Bilheteira Culturgest

21 790 51 55
culturgest.bilheteira@cgd.pt

Ticketline

Reservas e informações: 1820 (24 horas)
Pontos de venda: Agências Abreu, Galeria Comercial Campo Pequeno, Casino Lisboa, C.C. Dolce Vita, El Corte Inglés, Fnac, Megarede, Worten e www.ticketline.sapo.pt

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

Acesso a pessoas de mobilidade reduzida

Áreas acessíveis a pessoas de mobilidade reduzida, por rampas ou elevadores: bilheteira, galerias e auditórios. Assistência a pessoas de mobilidade reduzida sempre que requisitada previamente na bilheteira. Entrada gratuita concedida a um acompanhante, no limite dos lugares disponíveis.

Programa sujeito a alterações.

Lembramos que não é permitido gravar nem fotografar os espetáculos. Não se esqueça de desligar o telemóvel: a luz dos ecrãs perturba os artistas e o público.



Apoios:



Apoio na divulgação:



As emissões de gases com efeito de estufa associadas à produção desta publicação foram compensadas no âmbito da estratégia da CGD para as alterações climáticas.

Fundação Caixa Geral de Depósitos – Culturgest

Edifício da Sede da CGD · Rua Arco do Cego nº 50, Piso 1, 1000-300 Lisboa
Tel 21 790 51 55 · Fax 21 848 39 03 · culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

Se quiser receber a programação da Culturgest
envie-nos um e-mail para culturgest.newsletter@cgd.pt
ou inscreva-se na nossa mailing list em www.culturgest.pt.

▼ Destaque pelo picotado e dobre em três partes ▼

GALERIAS

Horário de funcionamento

De terça a sexta-feira das 11h às 18h
(última admissão às 17h30).

Sábados, domingos e feriados, das 11h às 19h
(última admissão às 18h30).

Encerram à segunda-feira.

Guias áudio disponíveis gratuitamente.

Aos domingos, a entrada nas galerias é gratuita.

Visitas escolares e de grupos

Consulte o programa do Serviço Educativo.

BILHETEIRAS

Horários de funcionamento

Bilheteira do átrio de entrada

De segunda a sexta-feira das 14h às 19h.
Em dias de espetáculo das 14h até à hora
de início do mesmo.

Nos períodos em que não há exposições
a bilheteira está aberta todos os dias
das 11h às 19h.

Bilheteira das galerias

De terça a sexta-feira das 11h às 18h.
Sábados, domingos e feriados das 11h às 19h.
Encerra à segunda-feira e nos períodos em
que não há exposições.

Reservas

As reservas de bilhetes são, em regra, válidas
por três dias. Os bilhetes têm sempre que ser
levantados até 48 horas antes do espetáculo.

CULTURGEST

Edifício Sede da Caixa Geral de Depósitos
Rua Arco do Cego n.º 50, 1000-300 Lisboa
Telefone: 21 790 54 54

Metro: Campo Pequeno

Autocarros: Campo Pequeno / Av. Berna 756*
Campo Pequeno / Av. República 727* 736,
738, 744, 749,* 754,* 783; Pç. Londres 722, 767;
Av. Roma: 735, 767

* A carreira 756 só funciona ao sábado de
manhã. Durante sábados, domingo e feriados
as carreiras 727, 749 e 754 não servem a zona
do Campo Pequeno.

CULTURGEST PORTO

Horário de funcionamento

De segunda-feira a sábado, das 12h30

às 18h30. Encerra aos domingos e feriados.

Edifício Caixa Geral de Depósitos

Avenida dos Aliados n.º 104, 4000-065 Porto

Telefone: 22 209 81 16

INFORMAÇÕES E RESERVAS

Bilheteira Culturgest

21 790 51 55

culturgest.bilheteira@cgd.pt

Tickethline Reservas e informações: 1820 (24h)

Pontos de venda: Agências Abreu, Galeria

Comercial Campo Pequeno, Casino Lisboa,

C.C. Dolce Vita, El Corte Inglés, Fnac,

Megarede, Worten e www.ticketline.sapo.pt

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

Setembro Dezembro 2016

CALENDÁRIO

Culturgest
uma casa do mundo